

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (CA) EDUARDO DA SILVA MALAQUIAS

UMA GUERRA QUE NINGUÉM VIU: O terrorismo de 11 de setembro de 2001 marcando só o ponto de inflexão da agora afamada “Guerra ao Terror”.

Rio de Janeiro
2020

CC (CA) EDUARDO DA SILVA MALAQUIAS

UMA GUERRA QUE NINGUÉM VIU: O terrorismo de 11 de setembro de 2001 marcando só o ponto de inflexão da agora afamada “Guerra ao Terror”.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2020

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder saúde e sabedoria para prosseguir nos meus grandiosos sonhos.

A minha maravilhosa família, esposa Esther Tavares e filho Caio Malaquias, pelo incondicional apoio nas horas e horas de ausências dedicadas à Marinha do Brasil, em especial a esta dissertação que foi desafiadora e engrandecedora profissionalmente.

Ao CF (RM-1) Ohara Barbosa Nagashima pela valiosa atenção dispensada e precisas orientações fundamentais para que fosse possível o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, aos queridos parentes e amigos, em especial aos componentes da turma Almirante Maximiano, do qual pude rever muitos deles e receber incondicional apoio nos momentos difíceis durante o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores 2020. Foi excepcional compartilhar experiências novamente com os senhores neste ano produtivo para nossas carreiras. Tenho a certeza de que a desejosa proximidade destes importantes amigos é que tem contribuído para o sucesso que venho obtendo na carreira até os dias de hoje.

RESUMO

Certamente atentados terroristas já miravam a pátria e os interesses no exterior dos Estados Unidos da América na década de 1990. Ataques de sucesso às embaixadas e navios de guerra atracados em portos no mundo afora despertavam a atenção e o receio dos norte-americanos, com destaque para suas Agências de Inteligência e organismos de segurança e defesa dentro do país. Um dia esse drama penetraria em território nacional e chegou, pouco depois da virada do milênio, em 11 de setembro de 2001. Para desespero dos norte-americanos, um de seus símbolos de supremacia econômica e cultural foi cinematograficamente demolido, levando consigo milhares de vidas e o sentimento de segurança dentro de suas fronteiras. O presente estudo de pesquisa tentou identificar se houve algum erro de julgamento quanto a importância da ameaça representada pela Al-Qaeda ao Estado norte-americano e se isso foi fundamental para o sucesso dos terroristas. Tudo gira em torno de se tentar identificar se os níveis político e estratégico do país possuíam indícios transparentes de que um ataque poderia ser desferido dentro do país, como fora feito com sucesso no exterior anteriormente. Para desenvolvimento do estudo de pesquisa foi escolhido comparar a teoria com a realidade, além de uma avaliação do perfil social dos estadunidenses e de seu governo na época. Para achar a resposta aos questionamentos, empregou-se o confronto de “ideias-força” dessas ferramentas com os indícios quase que oferecidos pelos terroristas da Al-Qaeda. As causas encontradas para não se ter desvendado a trama a tempo foi a “fissura” entre ideias, planos e estratégias de gestão dentro do governo que compreendeu os mandatos de Bill Clinton e George W. Bush. Finalmente, este estudo de pesquisa estabeleceu uma premissa que se confirmou quando houve uma perda substancial de conhecimento e das estratégias de contenção aos planos terroristas na troca de presidentes e seus conselheiros. Assim, sugeriu-se que sejam implementadas ferramentas para mitigar este efeito irresistível. Tudo isso tentando encurtar ao máximo uma janela de fragilidade do Estado, a conturbada transferência de cargos após uma eleição, de modo que não se permita a intensificação dos ataques por um adversário, aumentando suas chances de sucesso em um momento crítico de enfraquecimento.

Palavras-chave: Terroristas. Estados Unidos da América. 11 de setembro de 2001. Segurança. Julgamento. Estratégias. Teoria. Presidente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA –	<i>Central Intelligence Agency</i> – Agência Central de Inteligência
CSG –	<i>Counterterrorism Security Group</i> – Grupo de Segurança Contra
Terrorismo	
DIA –	<i>Defense Intelligence Agency</i> – Agência de Inteligência de Defesa
EUA –	Estados Unidos da América
FAA –	<i>Federal Aviation Administration</i> – Administração da Aviação Federal
FBI –	<i>Federal Bureau of Investigation</i> – Departamento Federal de
Investigação	
INS –	<i>Immigration and Naturalization Service</i> – Serviço de Imigração e
Naturalização	
Ltda –	Limitada
NSA –	<i>National Security Agency</i> – Agência de Segurança Nacional
NSC –	<i>National Security Council</i> - Conselho Nacional de Segurança
ONU –	Organização das Nações Unidas
OTAN –	Organização do Tratado do Atlântico Norte
URSS –	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US Congress –	<i>United States Congress</i> – Congresso dos Estados Unidos
USS –	<i>United States Ship</i> – Navio dos Estados Unidos
Washington D C –	<i>Washington, District of Columbia</i> – Washington, Distrito de Columbia
WYSIATI –	<i>What you see is all there is</i> – O que você vê é tudo o que há

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Teste de confusão cognitiva	56
Figura 2 – Fotografia de falhas visuais e cognitivas no Sistema 1	57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A TEORIA DE KAHNEMAN	10
2.1	Os Sistemas 1 e 2 em ação	11
2.2	A fascinante cinemática do pensamento	14
2.3	O que você vê é tudo o que há?	17
2.4	Heurística do excesso de confiança	18
2.5	Conclusão Parcial	22
3	O ESTADO NORTE-AMERICANO NO QUINQUÊNIO ANTERIOR A 2001	23
3.1	A política comandando as ações	24
3.1.1	O democrático centrista Clinton	24
3.1.2	Bush transformado em presidente da guerra	27
3.2	O poderio militar contra o mundo	29
3.3	Isolacionismo <i>versus</i> intervencionismo e o bom momento do psicossocial estadunidense	32
3.4	Conclusão parcial	35
4	INFORMAÇÕES COLETADAS SOBRE OS ATAQUES TERRORISTAS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001	38
4.1	Conclusão Parcial	46
5	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	52
	ANEXO A - DESTAQUE DO RESUMO DIÁRIO PRESIDENCIAL DE 6 DE AGOSTO DE 2001	54

1 INTRODUÇÃO

O mundo viu assustado, pela tela de plasma, aviões gigantesco sendo usados como armas no fatídico dia 11 de setembro de 2001, contra as torres gêmeas do World Trade Center e à sede do Departamento de Defesa em território estadunidense. Os ataques terroristas¹ daquele ano evocaram uma espécie de kamikaze contemporâneo espelhado na tática japonesa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Por falar em guerra, uma questão enigmática surge ao se pensar nas razões que levaram os terroristas a praticarem tais ataques suicidas. Afinal, todos os conflitos armados de grande envergadura ou com algum destaque característico, têm um nome de destaque e um período de duração, mesmo que por vezes gere alguma divergência. Qual seria então o nome e a extensão do conflito travado pelos Estados Unidos da América (EUA) contra a Al-Qaeda² nos anos anteriores ao amanhecer daquele dia 11?

Essa resposta, se é que ela existe, não aflora rapidamente na memória de muitos por se tratar de um conflito de baixa intensidade que apresenta apenas picos de luta armada e emprego da força na longa linha do tempo, descaracterizando-o como guerra para os desinteressados no assunto. Pensar que isso não seria uma guerra, só mesmo se for observado pela ótica de desavisados norte-americanos. As *fatwa*³ de Osama bin Mohammed bin Awad bin Laden (1957-2011)⁴, no mínimo, chamariam a atenção de agentes de inteligência norte-americanos que cultivassem, em sua fé, a cultura islâmica. Estes poderiam imaginar os perigos representado por aquele falso rudimentar terrorista blasfemando contra o mundo ocidental personificado na figura dos EUA.

¹ A expressão designada pelo governo dos EUA para descrever o ocorrido foi: ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001 (CASA BRANCA, [2006?]). Considera-se terrorista aquele que organiza ou participa de atos de terrorismo. Embora não exista um acordo atual sobre uma definição jurídica universal do termo, tem havido algum debate sobre a possível existência de uma, pelo menos parcial, definição habitual de terrorismo. Esta regra habitual requer os seguintes três elementos-chave: (i) a perpetração de um ato criminoso (como assassinato, sequestro, tomada de reféns, incêndio criminoso, e assim por diante), ou ameaçar tal ato; (ii) a intenção de disseminar o medo entre a população (que geralmente implicaria a criação de perigo público) ou coagir direta ou indiretamente uma autoridade nacional ou internacional a tomar alguma ação, ou abster-se de tomá-la; (iii) quando o ato envolve um elemento transnacional. (ONU, 2018)

² Al-Qaeda é uma organização fundamentalista islâmica internacional, fundada em 1988 por Bin Laden, Abdullah Azzam e outros combatentes da guerra soviético-afegã, constituída por células colaborativas e independentes que visam disputar o poder geopolítico no Oriente Médio. É considerada uma organização terrorista pelos EUA, Reino Unido, União Europeia, OTAN, Índia e outros países.

³ De acordo com o *Cambridge Dictionary*, *fatwa* trata-se de uma declaração ou ordem oficial de um líder religioso islâmico. Há controvérsias sobre a oficialidade dos documentos de Bin Laden dada as características do emitente.

⁴ Será utilizado, a partir de então, o nome abreviado popularmente conhecido Bin Laden.

Esta guerra chamada de irregular, ao que parece, era um confronto não convencional de forças onde não estavam em lados opostos dois componentes que tinham semelhanças fisiológicas e de conformação. Por anos, os atritos físicos surgiam e desapareciam como jogadas de xadrez, em que o cheque mate estava, uma hora, muito perto de ocorrer e, em outras ocasiões, bem distante no entendimento dos melhores “enxadristas” político-militares.

Ainda pior, se a iniciativa das ações partisse do lado não estatal, é muito provável que o comando organizado de defesa do Estado tivesse um complicado problema para solucionar e provavelmente veria um ataque diferente das linhas de batalha históricas.

Então, o desafio reside em como contornar estas adversidades. Elas obviamente cairão nas mãos das autoridades civis e militares que terão uma difícil missão de comandar e controlar as ações, muitas vezes tardiamente só em resposta à uma agressão sofrida. Então, o Comando e Controle⁵ na Guerra Irregular⁶ necessitará de estruturas minuciosamente elaboradas e relações de comando apropriadas e correlatas para a obtenção da vitória almejada, sempre difícil de se conseguir como mostra a própria história de guerras norte-americanas na República Socialista do Vietnã (1960-1975)⁷, República Islâmica do Afeganistão (2001-presente) e República do Iraque (2003-2011).

Assim, este trabalho, como veremos, no contexto da Guerra Irregular estadunidense *versus* o jihadismo⁸ extremista islâmico, evocando os desafios de Comando e Controle para a elite governamental e militar, será o mote do estudo de pesquisa investigativo. O propósito a ser atingido com o tema é confrontar a internacionalmente reconhecida teoria de Daniel Kahneman (1934) dos Sistemas, mais o perfil do Estado norte-americano à época, e verificar

⁵ De acordo com a Doutrina de Operações Conjuntas do Ministério da Defesa do Brasil, o Comando e Controle (C2) é uma atividade fundamental para o êxito das operações militares em todos os escalões de comando. Como atividade especializada, sua execução será baseada em uma concepção sistêmica, com métodos, procedimentos, características e vocabulário que lhe são peculiares, envolvendo, basicamente, três componentes: autoridade, processo decisório e estrutura. (BRASIL, 2011)

⁶ De acordo com o *Irregular Warfare (IW) Joint Operating Concept* do Departamento de Defesa dos EUA, a Guerra Irregular é uma luta violenta entre atores estatais e não estatais por legitimidade e influência sobre as populações. A IW favorece abordagens indiretas e assimétricas, embora possa empregar toda a gama de capacidades militares e outras, a fim de corroer o poder, a influência e a vontade de um adversário (tradução nossa). Do original em inglês: *A violent struggle among state and non-state actors for legitimacy and influence over the relevant populations. IW favors indirect and asymmetric approaches, though it may employ the full range of military and other capabilities, in order to erode an adversary's power, influence, and will.* (DEPARTMENT OF DEFENSE, [2007?], p. 6)

⁷ No contexto da guerra, apenas o período da inserção dos EUA defendido por Demétrio Martinelli Magnoli.

⁸ O *jihad*, de acordo com o *Oxford Languages Dictionary*, é uma guerra santa muçulmana, podendo chegar à luta armada contra os infieis e inimigos do Islã. Pode ser cumprido, doutrinariamente falando, de quatro formas: pelo coração, purificando-se espiritualmente na luta contra o diabo; pela língua e pelas mãos, difundindo palavras e comportamentos que defendam o que é bom e corrijam o errado; ou pela espada, praticando a guerra física.

se os estadunidenses reagiram corretamente diante dos indícios coletados sobre os atentados terroristas que ocorreriam em 11 de setembro de 2001. A questão a ser respondida será identificar se eles processaram bem esses claros indícios para quem analisa hoje, depois que tudo aconteceu, na confortável cadeira de seu escritório.

E que para esse propósito seja atingido com sucesso, o estudo de pesquisa foi dividido em quatro capítulos. No próximo, será introduzido o componente teórico que dará o embasamento comparativo, empregando-se o desenho de pesquisa da teoria *versus* realidade. Em sequência, espera-se explorar o perfil da sociedade estadunidense, e por consequência, de seus governantes, chefes militares e o alto escalão das agências de polícia e inteligência, de forma que fique inteligível se houve desalinho de raciocínio ou desleixo para com as questões de segurança.

Finalmente, no penúltimo capítulo e nas conclusões, tentar-se-á conjugar as “ideias-força” tiradas tanto da base teórica como do perfil norte-americano nos cinco anos que antecederam o ataque de 11 de setembro de 2001, para confrontá-los com os rastros dos ataques terroristas e entender se a questão proposta é verdadeira ou uma ilusão cognitiva deste autor.

2 A TEORIA DE KAHNEMAN

O homem se diferencia dos animais pela capacidade de pensar e decidir racionalmente. Na história, o ser humano buscou desvendar os mistérios do próprio cérebro de várias formas. São aproximadamente 100 bilhões de neurônios⁹ controlando o corpo humano, responsáveis por mantê-lo confortável, protegido, vivo e pensando.

Dentre pensadores, médicos, filósofos, cientistas e mais profissionais empenhados em buscar a melhor explicação, destacou-se nas formas de pensamento o teórico da economia comportamental Daniel Kahneman. Doutor em psicologia e professor de renomadas universidades em Jerusalém, no Canadá e EUA, conquistou o prêmio Nobel de Ciências Econômicas no ano de 2002. No livro *Rápido e Devagar: Duas formas de pensar*¹⁰, o autor, em um projeto harmônico com Amos Tversky, leva o interessado a viajar nos “Sistemas” que dirigem a maneira como o homem raciocina, chamando-os de Sistemas 1 e 2.

Este capítulo, que proporcionará o embasamento teórico ao trabalho dissertativo, está estruturado em quatro principais partes: primeiro é apresentada uma introdução básica de funcionamento dos Sistemas 1 e 2, exemplificada pelo cotidiano dos indivíduos; na segunda parte, descreve-se mais a fundo a cinemática, abordando o alto rendimento integrado dos Sistemas e os percalços esperados; e encerrando, abordar-se-á o tema criado por Kahneman: *What you see is all there is?* - WYSIATI¹¹ (KAHNEMAN, 2012, p. [112]) e a heurística da autoconfiança que se espera influenciar muito na tentativa de elucidação do problema dos EUA no caso dos atentados aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001. Entendendo o sistêmico funcionamento cerebral, será possível compreender como os governantes dos EUA não enxergavam claros indícios de que algo muito grave poderia ocorrer em solo estadunidense.

⁹ Fonte: A. WEAVER II, Elizabeth; H. DOYLE, Hilary. *Cells of the Brain*. [S. l.], 8 ago. 2019. Disponível em: <https://dana.org/article/cells-of-the-brain/>. Acesso em: 27 jun. 2020.

¹⁰ Versão em português do original: *Thinking, Fast and Slow* (2011).

¹¹ No original em inglês a sigla significa: *What you see is all there is?* O tradutor aborda como: O que você vê é tudo o que há?

2.1 Os Sistemas 1 e 2 em ação

Segundo o autor deixa a entender, o 1º Sistema do cérebro humano é rápido, automático e sem esforço. Já o 2º Sistema é comparativamente lento, concentrado e requer um esforço. Ele é mais lógico. O Sistema 1 é ativado na esmagadora maioria das atividades, em especial, nas situações de pressão por respostas e ou quando há muitas informações chegando. E é no Sistema 2 que normalmente acontecem as decisões que envolvem riscos. O homem, ao caminhar, não pensa e decide fazendo uma análise apurada de alto nível se utiliza a perna direita ou esquerda para descer um simples degrau da calçada, pois é o Sistema 1, rápida e automaticamente, quem escolhe baseado em parâmetros previamente registrados. Entretanto, se ele estiver com restrição momentânea de locomoção em determinada perna ou já se acidentou gravemente naquele local, por exemplo, é imperioso e corriqueiro o Sistema 2 agir, alertando que a atitude é temerária e ele deve ser cauteloso. O Sistema 1 trabalha praticamente a todo tempo, é chamado de herói por Kahneman (2012, p. [363]), enquanto o Sistema 2 vive em uma espécie de hibernação, sendo acionado automaticamente nos momentos perigosos e decisivos.

Alertando que o regime de Sistemas já era adotado por diversos psicólogos, Kahneman certifica que se aprofundará no estudo e, assim, resume o psicodrama dos populares “tico” e “teco”¹², dois personagens denominados por ele de Sistemas 1 e 2:

O Sistema 1 opera automática e rapidamente, com pouco ou nenhum esforço e nenhuma percepção de controle voluntário. O Sistema 2 aloca atenção às atividades mentais laboriosas que o requisitam, incluindo cálculos complexos. As operações do Sistema 2 são muitas vezes associadas com a experiência subjetiva de atividade, escolha e concentração [...] Quando pensamos em nós mesmos, nos identificamos com o Sistema 2, o eu consciente, raciocinador, que tem crenças, faz escolhas e decide o que pensar e o que fazer a respeito de algo. Embora o Sistema 2 acredite estar onde a ação acontece, é o automático Sistema 1 o herói deste livro. Descrevo o Sistema 1 como originando sem esforço as impressões e sensações que são as principais fontes das crenças explícitas e escolhas deliberadas do Sistema 2. As operações automáticas do Sistema 1 geram padrões de ideias surpreendentemente complexos, mas apenas o Sistema 2, mais lento, pode construir pensamentos em séries ordenadas de passos. Também descrevo circunstâncias em que o Sistema 2 assume o controle, dominando os irrefreáveis impulsos e associações do Sistema 1. (KAHNEMAN, 2012, p. [363]).

¹² A associação fictícia é feita com os esquilos Tico e Teco, que são os animados do mundo da Disney. O Teco é um pouco atrapalhado e vive correndo na frente do irmão Tico, faz tudo de maneira rápida e, algumas vezes, comete grandes trapalhadas. O Tico é o mais calmo e vem sempre em auxílio do irmão. O Teco seria o Sistema 1 e o Tico o Sistema 2, sendo este um voluntário que entra em ação para socorrer o Teco.

Assim, considerando a abordagem do autor acima, os Sistemas 1 e 2 também podem ser relativamente comparados com instinto e inteligência, respectivamente. Mas não é só isso, pois o Sistema 1 adicionalmente pode aprender padrões, regras e formas de comportamento ao longo dos anos, diferenciando-se e não se limitando, desta forma, só daquela forma natural do instinto selvagem que até os filhotes de animais têm ao nascer. Kahneman (2012, p. [385]) afirma que as capacidades do Sistema 1 estão predispostas a incluir habilidades inatas que os seres humanos compartilham com animais. Essas habilidades mentais se tornam rápidas e automáticas ao longo dos anos de vida, de uma certa forma, passando do Sistema 2 onde residia inicialmente para o Sistema 1. É como comparar alguém que ainda está desenvolvendo a habilidade na direção de automóveis e que tenha poucos meses de habilitação, a outro motorista com muitos anos de experiência. O primeiro motorista, cuidadosamente, mede os passos no momento de mudar as marchas em um veículo com câmbio manual, na hora de olhar para os retrovisores ou ao estacionar. O segundo, depois de muito dirigir, executa essas e outras tarefas instintivamente sem fazer cálculos, muitas vezes até conversando com uma pessoa no banco do carona e comentando sobre o anúncio em um painel publicitário à beira da estrada, por exemplo. O conhecimento e a ação padronizada ficam armazenados no Sistema 1 do motorista experiente, sendo usados sem esforço e de forma automática. Não se pode, neste caso, categoricamente afirmar que ele é inteligente por desenvolver esta atividade.

E tem outras boas formas simplórias de exemplificar o funcionamento do poderoso Sistema 1: proteger o rosto com as mãos ao tomar um susto com objetos perigosos em movimento; prender a respiração ao mergulhar; franzir a testa ao ouvir uma história surpreendente; a mastigação; e um recém-nascido quando chora de fome.

Já o Sistema 2 é muito mais sofisticado. Quando, ao dirigir em um local desconhecido, alguns motoristas baixam o volume do som do rádio do automóvel na busca de uma rua ou uma referência próxima ao endereço de destino, não haveria, a princípio, uma

relação denexo causal entre os atos. O que ocorre é que o motorista está apenas inconscientemente ativando o seu Sistema 2, buscando se concentrar na localização da rua ou residência pretendida se desvencilhando da distração do som. Kahneman (2012, p. [404]) atesta no seu livro que as ações altamente diversificadas do Sistema 2 possuem a característica comum de exigir atenção e são interrompidas com distrações. Por exemplo, se a rua é nomeada por números de quarteirões ou a casa em quadras e lotes, o motorista provavelmente fará contas para saber quando dobrará em uma esquina. Se recebeu instruções de um amigo de onde era o local de destino, associará seu mapa mental à realidade encontrada.

Mas uma questão poderia surgir: e qual é a “inteligência” que existe em dirigir e procurar um endereço? A inteligência descrita aqui está no fato de guardar na memória um mapa tridimensional e fazer uma associação com a realidade visual em movimento, variáveis significativas. Alguém apostaria com convicção que em um espaço amostral de 10 motoristas, todos achariam o endereço recebendo as mesmas instruções e dirigindo na mesma velocidade média? É mais difícil para alguns e mais fácil para outros, dependendo da capacidade de raciocínio lógico e da memória dos indivíduos, diferentes entre si por força da natureza.

E de outras maneiras também pode-se exemplificar como age o metódico calculista Sistema 2: resolver a operação matemática: 3×1999 ; procurar um amigo que veste um casaco azul na sala de cinema ao final do filme; responder se um produto está caro ou barato; atravessar uma faixa de pedestres muito movimentada; e informar a placa do seu veículo ao manobrista.

Sobretudo, é de fácil percepção que o Sistema 2 está numa posição proeminente em relação ao Sistema 1. E é ele quem atua, intervindo pelo poder do veto e retirando o Sistema 1 de ação, não devendo ocorrer o contrário para situações complexas e que requeiram atenção. A máquina da mente humana funciona na maior parte do tempo naturalmente baseada no Sistema 1, com o Sistema 2 atuando periodicamente e exigindo, no mínimo, algum esforço mental nem sempre agradável nestes momentos (KAHNEMAN, 2012, p. [620]). Um excesso de utilização

do Sistema 2 poderia desenvolver uma estafa mental ou síndrome de *Burnout*¹³, provocando um momentâneo esgotamento do cérebro, perfeitamente plausível de se observar em candidatos esforçados que acabaram de fazer 5h30 de prova do Exame Nacional do Ensino Médio, por exemplo. Isso significa dizer também que haveria um limite humano incomensurável e irresistível, mas existe, de utilização do Sistema 2 por um período de tempo também inimaginável, o que não ocorre na prática com o Sistema 1. O resultado desta sobrecarga seria uma falta de atenção gerando um acidente, engano, uma decisão simples tomada de forma equivocada ou uma doença, desmaio ou outra anomalia *sui generis*.

No item subsequente, buscar-se-á entender como é essencialmente rápido e preciso o funcionamento integrado dos Sistemas em questão, apontando, porém, que não é perfeito, pois existem imperfeições sistemáticas que afetam o pensamento humano.

2.2 A fascinante cinemática do pensamento

Emoções e sentimentos humanos, instintivamente ativados no Sistema 1, provocam em seguida a atuação do Sistema 2. Ao ser ofendido verbalmente em um supermercado, por exemplo, o cliente poderia ficar muito irritado e este sentimento em resposta vem imediatamente do Sistema 1. Entretanto, baseado no seu nível de educação social, não necessariamente haveria uma resposta agressiva equivalente e automatizada, podendo o cliente controlar-se diante do estímulo e até responder de forma educada tal destrato. Entra nesse momento em uma ação impeditiva o Sistema 2, mesmo após um estímulo totalmente contrário da vontade resistível de reação do Sistema 1. O comportamento diante de um susto com um cão feroz à solta, a aproximação de um tsunami ou dirigir um automóvel, mesmo os motoristas

¹³ A Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, [entre 2013 e 2020])

experientes, sob muita chuva ou neve na estrada são exemplos possíveis para ratificar esta afirmação. O Sistema 2 é quem conscientemente dá a decisão final (KAHNEMAN, 2012, p. [620]). É responsável pelo autocontrole, mesmo perante o excelente trabalho normalmente executado pelo Sistema 1.

Esse funcionamento dos Sistemas 1 e 2 é extremamente integrado, exibindo uma performance exuberante. Mas não funciona somente desta forma, ocorrendo situações de desajustes que o homem tem que lidar. Kahneman (2012, p. [453]) alega que o Sistema 1 envia para o Sistema 2 sugestões de impressões, intuições, intenções e sentimentos que podem ou não serem aceitas e adotadas por este. Se são adotadas, é o caso de o indivíduo acreditar em suas impressões e agir conforme seus desejos. Aí, tudo funciona bem e as impressões e as intuições transformam-se em crenças e os impulsos em ações voluntárias (KAHNEMAN 2012, p. [455]). De outras formas, alguns testes simples podem demonstrar o conflito natural entre os Sistemas 1 e 2. Como pode-se testar na FIG.1, ao pintar a palavra “amarelo” da cor azul, a palavra “azul” de verde e assim aleatoriamente e repetidas vezes, determinando que um leitor fale as cores rapidamente, a confusão mental nos Sistemas estará formada. Por vezes, constatar-se-á uma pausa e reflexão sobre qual seria a forma correta. Tentativas e erros serão frequentes!

Mas se fosse possível só usar o Sistema 2, os problemas não seriam todos solucionados! Por necessitar de concentração na execução de uma atividade, observa-se uma espécie de cegueira cognitiva (KAHNEMAN, 2012, p. [442]) do Sistema 2 para outros assuntos evoluindo ao redor. E isso é temerário pois situações de perigo podem ser inadvertidamente ignoradas.

Sem que haja conhecimento das origens de impressões pelos indivíduos, o Sistema 1 responde as impressões de situações do qual o Sistema 2 não tem um conhecimento anterior. Para saber se uma questão é verdadeira, o Sistema 1 faz uma conexão lógica e associativa às

preferências e crenças do ser humano, ou então começa uma busca por uma fonte confiável ou por referências de que precise, primando por uma espécie de conforto cognitivo.

Uma *impressão de familiaridade* (KAHNEMAN, 2012, p. [1.273]) no Sistema 1 existe quando se vê uma meia dúzia de palavras ou situação que já foi vista em outra ocasião, criando o conforto associativo. Como em muitos experimentos do autor, muitas pessoas em um jogo televisivo como o “Mega Senha” da emissora RedeTV Interactive Ltda associariam qual palavra se a elas forem apresentadas quatro outras, a exemplo: inverno, molhado, vento e noite? É fácil pensar que seria frio, pois é rotineiro sentir frio em uma noite chuvosa de inverno. O jogo preza por agilidade na resposta, concedendo pouco tempo e punindo quando não há soluções. Essa impressão de familiaridade é criada no Sistema 1 e o Sistema 2 se utiliza dela para um julgamento de verdadeiro ou falso no jogo. E assim, a realidade humana é automaticamente estruturada baseada em ligações associativas em uma extensa malha de ideias, tendo o Sistema 2 alguma capacidade de controlar esta busca de memória quando algo diferente chamar atenção.

O Sistema 2 normalmente agirá quando uma situação for pouco familiar (KAHNEMAN, 2012, p. [1.657]) ou quando, na negociação ou no pensamento, algo importante estiver em disputa. Outrossim, existe uma propensão maior de se tomar conclusões precipitadas pelo Sistema 1 quando estas conclusões tiverem uma boa probabilidade de estarem corretas, associadas a um baixo risco em perdas se erradas forem. É aquela famosa situação em que o indivíduo fala que agiu sem pensar, constatando que se deixou levar pelo Sistema 1 quando deveria racionalmente usar o Sistema 2.

Em seguida, será apontada uma importante visão do problema levantada pelo autor, abordando se todos os dados e referências sobre um problema estão sempre disponíveis. Aí, espera-se encontrar uma das causas mais prementes para a cegueira dos líderes estadunidenses diante das informações que chegavam e não eram tratadas com a devida atenção.

2.3 O que você vê é tudo o que há?

Uma das grandes frustrações humanas é tirar conclusões precipitadas sobre um assunto importante. A melhor história a ser contada sobre determinado tema pode ser desacertadamente formada no Sistema 1. E isso não é nada bom!

Segundo Kahneman (2012, p. [1.786]), o sucesso de funcionamento do Sistema 1 está fundamentado na coerência da história que ele consegue criar, independente da qualidade e quantidade dos dados empregados. Se forem poucos e imprecisos os dados, existe uma propensão do Sistema 1 formar conclusões precipitadas aceitas confortavelmente pelo Sistema 2. Quem nunca foi ludibriado com a orientação invertida de uma imagem, com as nuances de uma fotografia como na FIG. 2, ou com um trecho propositalmente retirado das passagens de um texto ou entrevista de uma personalidade política ou artística? E é neste momento que Kahneman (2012, p. [1.804]) remete o interlocutor ao seguinte questionamento: o que você vê é tudo o que há? Assim, o Sistema 1 está mais propenso a cometer falhas não só visuais como cognitivas que por vezes são inofensivas. Entretanto, situações outras podem trazer problemas sérios para o decisor. O grau de danos será medido pela quantidade de informações que o receptor será acometido. Quanto maior a quantidade, maior a probabilidade de erros grosseiros.

Esse padrão de pouco conhecimento sobre determinado assunto facilita que o Sistema 1 crie uma história factível com bom grau de coerência, mas nem sempre verdadeira, que deixa o “preguiçoso” Sistema 2 persuadido a aceitar a sugestão proposta. É só pensar nos três lados de uma história de atrito interpessoal familiar. Por exemplo, quando dois filhos pequenos do casal se desentendem, há quase sempre três versões: a de cada parte conflitante e a verdadeira. Ao relatar ao pai sua “verdade”, um dos filhos faz com que o ouvinte inicialmente tenha a impressão de que aquela era a verdade impulsionado pelo seu Sistema 1. Do outro lado, o outro contando sua versão para a mãe também a faz ter a mesma impressão. Quando ambos

são confrontados, os Sistemas 2 dos pais passam a organizar as narrativas e recriar uma outra retórica da cena em função do aparecimento de informações relevantes sobre o ocorrido. E com o passar dos anos, o Sistema 2 vai moldando o Sistema 1 deles para desconfiar de antemão e transferir, para o Sistema 2, os relatos distorcidos dos pequenos.

O autor também trata em sua obra heurísticas e vieses que podem provocar erros sistemáticos de julgamento (KAHNEMAN, 2012, p. [2.207]). Cada uma das formas poderia ajudar a explicar o fenômeno de 11 de setembro de 2001 ocorrido nos EUA, mas uma que se relaciona bastante e produz um tipo sólido de embasamento é a heurística do excesso de confiança que será tratada no próximo tópico.

2.4 Heurística do excesso de confiança

O homem é propenso a buscar explicações para suas ações que são por vezes inapropriadas. Mesmo que sejam escassas ou que tenham uma base de sustentação frágil, é por vezes inconsciente e natural que o indivíduo custosamente justifique sua postura perante a exigente sociedade. Análises apropriadas da situação e uma decisão acertada pelo Sistema 2 podem ser significativamente influenciadas por este comportamento excessivamente autoconfiante, levando muitas pessoas a cometerem erros temerários.

O ser humano possui, sistematicamente, um excesso de confiança no que se refere a coerência e correção dos próprios julgamentos, de forma que qualquer tipo de questionamento ou inconsistência levantados por uma outra parte pode alterar os seus sentimentos e o conforto das mentes. E quase ninguém aprecia ser forçado a sair da sua famosa zona de conforto¹⁴, não é verdade? O indivíduo tem simpatia ou não tem por uma pessoa antes mesmo de realmente conhecê-la, e mostra confiança ou uma desconfiança em estranhos sem saber por que

¹⁴ A zona de conforto seria uma série de atitudes, pensamentos e comportamentos que uma pessoa estaria acostumada a ter e que não a causariam nenhum tipo de medo, ansiedade e risco. Seria uma região onde nenhum indivíduo se sentiria ameaçado.

(KAHNEMAN, 2012, p. [2.030]). Se perguntado a razão de não confiar em determinada pessoa um pouco desconhecida, o inquirido normalmente buscará a todo custo dados tendenciosos que atestem sua convicção, geralmente iniciando pela expressão incompleta: Não sei, mas...

E nessas horas também se destaca o efeito “o que você vê é tudo o que há?”. Seriam essas informações disponíveis sobre um problema específico as mais completas e corretas informações que existem? Provavelmente, quando se está diante de um dilema não se tem todas as informações para a decisão. Isso posto, adicionado a um excesso de confiança, pode ser essa uma mistura bem perigosa. A história criada nas mentes humanas, se forem concatenadas e bem desenvolvidas, independentemente de serem verídicas, levam a erros de juízo por vezes grosseiros. Ainda que esteja, temporariamente, dando certo algo construído de uma forma errada, não é prudente continuar agindo de forma errada esperando um resultado positivo.

O excesso de confiança usualmente é responsável por boa parte de fracassos observados no mundo, como por exemplo: as guerras, as greves e os empreendimentos empresariais falidos. Isso se dá em função do Sistema 1 ser, de certa forma, configurado para tirar conclusões precipitadas quando baseado em escassas informações disponíveis sobre uma situação específica. Na ocorrência de um evento extremamente novo, é comum o ser humano ajustar o que vê para moldar aquilo que é uma surpresa, um fato inteiramente novo, para uma situação semelhante vivida no passado, mas não necessariamente igual. Usar a experiência e o método que deu a solução eficaz no passado nem sempre trará o mesmo sucesso, pois não foram corretamente consideradas desta vez outras variantes importantes do novo problema.

Depois que algo extraordinário e errado acontece e uma solução inovadora é encontrada, após diagnósticos, tentativas e erros, é corriqueiro seu Sistema 2 imaginar que a solução era fácil e que, de forma análoga, você acharia a mesma solução ou até outras melhores que a do solucionador. Se houver a proposital supressão de passos fundamentais do processo, o Sistema 2 pode achar que só o que fora descrito é correto, óbvio e lógico, inadvertidamente,

apenas por fazer sentido. Tudo fica fácil depois que alguém achou uma solução. Nas palavras de Kahneman, encontram-se pensamentos que legitimam e complementam essas afirmações:

Somos propensos a culpar os tomadores de decisão por boas decisões que funcionaram mal e a lhes dar pouco crédito por medidas bem-sucedidas que parecem óbvias apenas após o ocorrido. Há um claro viés de resultado (*outcome bias*). Quando os resultados são ruins, os clientes muitas vezes culpam seus agentes por não enxergarem os sinais claros da desgraça — esquecendo que os sinais estão escritos em uma tinta invisível que só se torna legível após o ocorrido. Atitudes que pareciam prudentes quando vistas previamente podem parecer de uma negligência irresponsável quando vistas retrospectivamente (KAHNEMAN, 2012, p. [4.139]).

Existe uma forte tendência a acreditar em “verdades” construídas nos pensamentos humanos. Observe as três seguintes indagações: Um experimento de sucesso deve ser considerado em um planejamento? Ele serve para ser empregado em qualquer época da história? Esse experimento vencedor, que foi testado em um planejamento de mobilização para a guerra na sociedade medieval, servirá na mesma medida para mobilizar a sociedade contemporânea? Provavelmente, a resposta para a última pergunta é a que mais clamou por sua resposta negativa. A primeira resposta afirmativa, que quase não deixa dúvidas, tende a ser aquela baseada em evidências ineficientes e informações escassas, para a qual Kahneman (2012, p. [4.257]) cunhou o termo *ilusão de validade*. O Sistema 1 agiu em sua mente para sugerir ao Sistema 2 que o dado deve ser aceito, já que a resposta positiva faz todo sentido, evitando o desagradável esforço mental. Viu-se a coerência da resposta adicionada ao conforto cognitivo em processá-la. A resposta centrada na palavra “depende” seria uma boa alternativa?

O excesso de confiança também é uma marca de alguns célebres especialistas (KAHNEMAN, 2012, p. [4.139]). Quem nunca inicialmente se impressionou com as previsões dos videntes famosos que depois não se confirmaram e até tornaram-se esdrúxulas? Comentaristas políticos e de futebol, juristas de renome e economistas do governo não te lembram nada? Essas previsões têm alta ou baixa taxa de assertividade? Kahneman chama a atenção que estas pessoas têm uma tendência a erros tão grandes e até incrivelmente maiores que os considerados por muitos daqueles especialistas como leigos no assunto. Os leitores

atentos e interessados e os especialistas menos populares são mais precisos que os especialistas do tipo “celebridade” (KAHNEMAN, 2012, p. [4.482]). Estes, talvez até por sorte, inegavelmente fizeram algo extraordinário para se tornarem populares, mas eventualmente angariaram excesso de autoconfiança ao longo do tempo.

Uma expectativa ainda mais intrigante, que é abordada pelo autor em sua obra (KAHNEMAN, 2012, p. [5.046]), são as *visões de dentro* e *visões de fora*. Em todo projeto, aqueles que estão intimamente ligados à criação, planejamento e execução de uma atividade estão suscetíveis a viver um dilema. É normal que os envolvidos na causa não encontrem uma solução adequada basicamente por serem suas suposições de solução mais uma resposta super otimista e viciada do que uma visão holística e realística do problema. No caso, visões apuradas, relativamente mais completas e isentas de vícios – WYSIATI – de apropriados agentes externos ou daqueles empreendedores alheios que vivenciaram situações semelhantes, é que poderiam trazer as soluções inovadoras para suplantar o empecilho que surgiu no projeto.

Conforme pensa Kahneman (2012, p. [5.390]), a combinação perigosa do trinômio de fatores cognitivos, sociais e emocionais dão suporte a um tipo de otimismo superconfiante, uma característica intrínseca do Sistema 1, levando indivíduos empreendedores a riscos desnecessários que poderiam ser mitigados se estes estivessem de posse de dados estatísticos precisos, adicionados a visões e experiências externas semelhantes ao problema. Muita confiança parece belo aos olhos dos sonhadores, mas será um tipo de passaporte para o desastre de um plano. Ser realista, frio e calculista no desenvolvimento de programas que tragam dano severo aos investidores, se falharem, é vital para a própria sobrevivência deles como investidores. Apesar de possuir confiança ser uma qualidade e não um defeito, acredita-se que o excesso não é uma medida proporcional. Contudo, cabe ressaltar que a falta de confiança é também maléfica ao empreendedor, pois não o encoraja a arriscar e conquistar passos importantes para um sucesso imaginado. A virtude estaria, neste caso, no meio. Ou como

Kahneman e seu colaborador Dan Lovallo (KAHNEMAN, 2012, p. [5.390]) descrevem: *previsões ousadas e decisões tímidas* como ferramenta para administração do risco em um projeto. Talvez, discordando do autor, tenha-se que ter cuidado apenas com as decisões tímidas.

2.5 Conclusão Parcial

Neste capítulo, utilizou-se uma base teórica que será empregada nos subsequentes para tentar explicar as razões para os EUA não enxergarem que algo muito perigoso poderia acontecer não apenas além-fronteiras. Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, com aproximadamente 3.000 mortes, marcaram profundamente a sociedade nos EUA e no mundo.

Em que pese o fato de o Estado não ser um humano e não possuir cérebro, ele é gerido por vários deles que pensam, agem, acertam e erram como você. Chefes de Estado, a alta administração do governo, de Agências de Investigação, Repressão ao Crime e Inteligência têm um poder decisório amplo capaz de modificar toda uma história com suas deliberações. É natural um governo ignorar, momentaneamente, determinado perigo iminente, o *timing*¹⁵ da reação é que determinará a vitória ou derrota e o grau de danos sofridos pelo Estado.

Por fim, o texto apresentado no capítulo parece mostrar que os Sistemas 1 e 2 mais possuem falhas do que virtudes, porém não se pode deixar seu Sistema 1 corromper o raciocínio individual. A obra de Kahneman é muito mais abrangente e foram, sim, selecionados trechos inquietantes que exemplificarão e espera-se sejam conclusivos quanto a aquiescência estadunidense com a Al-Qaeda e os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Esta subserviência nem sempre é voluntária e resistível.

¹⁵ Pode ser literalmente traduzido como temporização, mas é passível de esclarecimento que o sentido da palavra está em agir no tempo e hora certos, nem antes e nem depois, visando produzir a máxima eficácia com o mínimo de danos ao Estado que recebe a demanda do adversário.

3 O ESTADO NORTE-AMERICANO NO QUINQUÊNIO ANTERIOR A 2001

O mundo passou a viver um novo cenário unipolar (DINIZ, 2006) no concerto das nações do sistema internacional com o fim da Guerra Fria e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a partir do triênio 1989-1991. O afundamento do Comunismo baixou a tensão mundial que havia e a relativa tranquilidade característica fez irromper novos desafios (e inimigos) aos EUA. O Estado se viu obrigado a remodelar a visão de mundo, descobrindo novas ameaças (CASA BRANCA, [2006?]a) e passando para um segundo plano a conturbada questão de segurança nacional representada pela então ex-URSS, substituída em boa medida pela Rússia, que era até o momento o “alvo a ser contido” no melhor estilo Spykmaniano¹⁶. No entanto, a visão de que outros atores internacionais não-estatais também podem ser inimigos de Estado é uma questão bem mais antiga. A novidade contemporânea é que agora existem mais atores, distintos entre si na sua forma. Não é raro ouvir falar em guerrilheiros, milicianos, facções criminosas, insurgentes, hackers, terroristas, fundamentalistas religiosos, entre outros. Por vezes, seus alvos são o Estado.

Passados cerca de 10 anos, o presidente George Walker Bush¹⁷ (1946) se viu obrigado a responder militarmente aos ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001. Por pouco mais de 55 anos, após a Segunda Guerra Mundial, os EUA, na sua dialética tradicional, tentaram ambiciosamente tanto se defender quanto exercer um papel hegemônico de árbitro das contendas mundiais em fronteiras físicas distantes (KISSINGER, 2015, p. 190). Isto se deu em consequência da nova unipolaridade mundial agregado a uma “missão” assumida. Mas o problema passou a ser outro. O forte impacto psicológico dos ataques de 2001

¹⁶ O holandês Nicholas John Spykman (1893 – 1943) concebeu a Estratégia da Contenção que serviu de base para o desenvolvimento da doutrina de segurança dos EUA após a Segunda Guerra Mundial. Ele defendeu a necessidade de que se apoiasse a reconstrução e proteção da Alemanha e Japão, depois da guerra, para facilitar a “contenção” da União Soviética e da China, respectivamente. Isso fora observado, em boa medida, durante a Guerra Fria.

¹⁷ No texto, a partir de então, será empregado o nome abreviado usual Bush ao se referir ao presidente dos EUA no período de 2001 a 2009.

na sociedade norte-americana, com destaque para a perplexidade mundial, ficou em evidência e desembocou em muito mais desdobramentos do que só as cerca de 3.000 vidas perdidas.

O capítulo fará uma análise sintética do Estado norte-americano nos cinco anos anteriores aos ataques terroristas, sob o enfoque de expressões do poder nacional. Na exploração posterior desta temática, espera-se que haja um destaque apenas para as expressões políticas, militares e psicossociais em razão destas serem mais conectadas com os possíveis erros de avaliação e decisão nas relações internacionais dos EUA. Assim, para efeito deste estudo de pesquisa, não serão exploradas as questões econômicas e científico-tecnológicas.

3.1 A política comandando as ações

Os EUA foram governados por dois presidentes com posturas bem antagônicas no período de cinco anos que antecederam os ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001. O primeiro foi o Democrata William Jefferson “Bill” Clinton¹⁸ (1946) e o segundo, que comandava o Estado à época, o Republicano Bush. Os presidentes e suas políticas de condução do país serão analisados tentando demonstrar como estava desorientada a governança americana no final do ano 2000 e início de 2001.

3.1.1 O democrático centrista Clinton

No começo do seu primeiro mandato, em 1993, Clinton teve uma amarga experiência na guerra civil que se passava na Somália (CLARKE; HERBST, 1997, p. 3) que o compeliu a ser cauteloso nas próximas ações no exterior enquanto no cargo da presidência. Um fato curioso, e que ocorrera na mesma época, foi o ataque terrorista às torres gêmeas do World

¹⁸ O registro de nascença é William Jefferson Blythe III. Será usado apenas Clinton para se referir ao presidente dos EUA no período de 1993 a 2001.

Trade Center, articulado em 26 de fevereiro de 1993 em Nova York, quando um caminhão-bomba explodiu abaixo da torre norte em um plano frustrado para derrubar ambas as torres. Isto por si só deveria modificar a consciência situacional norte-americana sobre os perigos da “arma” do terrorismo empregada em uma Guerra Irregular pelo lado mais frágil e modificou.

O popular presidente Clinton teve um período de governo triunfante, principalmente se observado o segundo mandato (1997-2001). De acordo com a Casa Branca ([2006?] b), o político obteve índices de aprovação sem precedentes pós-Segunda Guerra Mundial. Pesquisas (LANGER, 2006) apontaram números iguais e superiores a 65% de aprovação popular, mesmo considerando os escândalos envolvendo a estagiária da Casa Branca Monica Samille Lewinsky (1973) que o conduziram a um processo de impeachment frustrado. Foi salvo na segunda rodada de votação já no Senado Federal. É certo que, em grande medida, seu sucesso se deveu ao próspero momento econômico e constantes superávits das contas do governo vividos pelo país nos últimos anos do século XX. Naquele tempo, o sentimento da sociedade estadunidense era de muita paz e prosperidade, perfeitamente natural e compreensível nos países que obtêm conquistas econômicas significativas e duradouras.

A política exterior do presidente não fugiu às características dos seus antecessores e da cultura norte-americana, conforme muito bem exemplificado por Henry Kissinger (2015, p. 190). Em um discurso (EUA, 1998) ao Congresso Nacional dos EUA em 1998, Clinton afiança que ao redor do mundo os militares do país sempre cumprem muito bem a missão e que continuariam a receber bons treinamentos e armas do século XXI para derrotar qualquer inimigo. Fala em uma tal dívida de liderança estadunidense junto à Organização das Nações Unidas (ONU). Declara que todos os norte-americanos deveriam enfrentar os novos perigos das armas químicas e biológicas e dos Estados fora da lei, de terroristas e de criminosos organizados que as adquirem. O presidente, por exemplo, foi um defensor de ex-colônias comunistas aderirem à Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN – como a Hungria, Polônia e

República Tcheca como mais uma forma de expandir a influência e cultura dos EUA. Uma espécie de OTAN expandida como certifica a Casa Branca ([2006?] b). Então, Clinton não foi exatamente um presidente de posturas de isolacionismo, focando na tentativa da mediação de conflitos internacionais e da igualdade “americanizada” de nações. O cenário que emoldura o sistema internacional contemporâneo descrito pode ser comprovado nas próprias palavras de Kissinger:

O sistema vestfaliano contemporâneo, agora global - o que é coloquialmente chamado de comunidade mundial -, empenhou-se em amenizar a natureza anárquica do mundo por meio de uma extensa rede de estruturas legais e organizacionais projetadas para estimular o livre comércio e um sistema financeiro internacional estável, estabelecer princípios para a solução de disputas internacionais e fixar limites para conduta na guerra, quando estas vierem a ocorrer. Esse sistema de Estados abrange agora todas as culturas e regiões. Suas instituições oferecem uma matriz neutra para as interações entre sociedades diversas - em grande medida independentemente dos seus respectivos valores. No entanto, os princípios vestfalianos vêm enfrentando desafios lançados de várias direções, às vezes em nome da própria ordem mundial [...] No Oriente Médio, jihadistas em ambos os lados do cisma entre sunitas e xiitas dilaceram sociedades e desmantelam Estados na busca por uma revolução global baseada numa versão fundamentalista de sua religião. O próprio Estado - assim como o sistema regional nele baseado - corre sério risco, tomado de assalto por ideologias que rejeitam suas limitações como ilegítimas e por milícias terroristas que, em vários países, são mais fortes do que as Forças Armadas dos governos [...] A atitude dos Estados Unidos tem alternado entre a defesa do sistema vestfaliano e o ataque dos seus pressupostos - a balança de poder e a não interferência nos assuntos domésticos - como imorais ou ultrapassados, e às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Continuam a afirmar a relevância universal de seus valores na construção de uma ordem mundial pacífica e se reservam o direito de apoiá-los em termos globais. Ainda assim, depois de se retirar de três guerras em duas gerações - cada uma delas iniciada com aspirações idealistas e amplo apoio popular, mas tendo terminado em trauma nacional - os Estados Unidos lutam para definir a relação entre o seu poder (ainda vasto) e os seus princípios. (KISSINGER 2015, p. 15-16)

As palavras de Henry Kissinger colocadas no texto expressam a postura com viés de liderança adotada por Clinton durante os seus anos de governo. Tentou fazer um papel de mediador, internacionalizando o “bem estar ocidental”. É bem verdade que em poucos momentos houve hesitação, fruto essencialmente do insucesso na Somália, mas a política externa explícita do presidente vencia em muito as fronteiras atlânticas. Liderou intervenções multinacionais na Bósnia-Herzegovina e tentou, ainda que sem sucesso, mediar uma paz no conflito árabe-israelense, por exemplo.

Com sucesso, Clinton angariava apoio da Câmara dos Representantes para levar adiante os projetos de governo. Mesmo sendo um democrata, sua aproximação com o centro o apoiou em situações complicadas como: a implantação e acréscimo de impostos aos norte-americanos e o potencial final catastrófico que teria seu governo com o impeachment frustrado.

3.1.2 Bush transformado em presidente da guerra

As impressões iniciais sobre o republicano conservador Bush é que ele não estava, ainda na candidatura, inclinado a guerrear mundo a fora. Ele aceitou a disputa presidencial com um discurso de viés indiscutivelmente voltado para políticas internas (MILBANK, 2004), com raras exceções, por causa, é claro, da sua relativa inexperiência com assuntos externos. Ele na verdade, antes dos atentados, buscou se basear nas posições de políticas externas defendidas por seu partido. Dava a clara indicação que a postura dos EUA para a política externa se voltaria mais uma vez para o isolacionismo, ao menos nas ideias e ações do lado dos EUA.

Ele tinha como metas mais agressivas, as áreas internas sensíveis norte-americanas como a seguridade social, a educação e o sistema de saúde, algumas que implementou significativas evoluções como na educação, de acordo com a própria Casa Branca ([2006?]a) e outras nem tanto assim. Nas suas próprias palavras, no discurso (EUA, 2001a) para aprovação do orçamento na sessão conjunta do Congresso Nacional em fevereiro de 2001, deixou claro que investiria pesadamente em seguridade social e saúde, dobrando o orçamento em 10 anos, e em educação, triplicando o generoso orçamento estadunidense em apenas 5 anos. Esperava usar o legado de Clinton, a estabilidade financeira nas contas públicas, para enfrentar os seus grandes objetivos, as “questões difíceis” (MILBANK, 2004). Obviamente que o dia 11 de setembro de 2001 mostrou, ao ainda desprevenido político, que as questões difíceis não seriam só essas.

Diametralmente oposto a Clinton, Bush não era tão popular desde o início da campanha presidencial. Embora Albert Arnold "Al" Gore Jr. (1948) tenha ganho o voto popular por 48,4% contra 47,9%, a eleição em 2000 foi apenas a quarta eleição na história em que o vencedor dos votos eleitorais não teve a maioria do apreciado voto popular (HISTORY, 2011). A Casa Branca ([2006?] a) descreveu a trapalhada política que envolveu sua eleição, com diversas disputas judiciais na Suprema Corte e recontagens de votos. Fato é que Bush, já eleito, tão pouco conseguiu obter o apoio no Congresso Nacional que Clinton desfrutara anos antes com sucesso, travando duras batalhas para aprovação das agendas do governo desde os primeiros meses de 2001. Fica notório que tanto sua campanha para eleição, como o seu governo contrastaram muito com o histórico de sucesso do antecessor. Os sinais indicavam que não seriam anos fáceis para ele, independente dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001.

O que se viu, na verdade, foi uma inversão de viés político-ideológico no governo dos EUA. E é rotineiro que ocorra quando há uma mudança no poder Executivo de um partido esquerdista para um direitista e vice-versa. Isso ficou latente na passagem de Clinton para Bush. Por exemplo, o primeiro defendia as pretensões mundiais de controle do clima, enquanto o segundo saía unilateralmente do Protocolo de Quioto¹⁹ que fora apoiado e capitaneado por Clinton em 1997. Enquanto Clinton tirava a República Popular da China do isolamento mundial assinando acordos de cooperação em um início de estreitamento das relações bilaterais, Bush sinalizava uma mudança radical nas relações com os chineses continentais, prometendo oficialmente apoio militar a Taiwan em caso de ataque da outra parte (BBCBRASIL, 2001). Sem falar nas políticas de impostos em que ambos divergiram de forma abissal. Percebe-se muita controversa e posições antagônicas dos governantes em um curto espaço de tempo.

¹⁹ O Protocolo de Quioto constitui o tratado complementar à Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima, definindo metas de redução de emissões para os países desenvolvidos e os que, à época de sua criação, apresentavam economia em transição para o capitalismo, considerados os responsáveis pela mudança atual do clima. O Brasil ratificou em 23 de agosto de 2002 pelo Decreto Legislativo nº 144 de 2002. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, [entre 2015 e 2020])

Mas tudo isso passaria por modificações significativas no infortúnio da manhã de 11 de setembro de 2001. Os acontecimentos trágicos naquele dia forçaram uma reformulação na política do presidente, fixando sua atenção definitivamente para questões externas do governo e do mundo. A Casa Branca ([2006?] a) descreve que ele foi “transformado em presidente em tempo de guerra” após os ataques terroristas aéreos em 11 de setembro de 2001, enfrentando o “maior desafio de qualquer presidente desde Abraham Lincoln”. O pouco tempo de seu governo exercido antes dos ataques já foram difíceis e desafiadores, agora ele tinha em mãos uma dificuldade extra, uma nova questão central no governo para administrar. De acordo com o *The Washington Post* (MILBANK, 2004), é realmente difícil avaliar o trabalho de Bush em relação às suas promessas de campanha sem considerar a forma como os ataques precisavam de uma agenda totalmente nova para sua presidência: um reformulado Departamento de Segurança Interna, o Ato Patriota dos EUA e as guerras no Afeganistão e no Iraque. Percebe-se não estava em destaque nos seus planos de campanha as preocupações além-fronteiras.

No próximo item será abordada a questão do poderio militar estadunidense agindo em cada canto do planeta, exercendo um papel dissuasório e atraindo nações para o “guarda-chuva” de sua segurança militar compartilhada. Ainda assim, serão apresentadas as controvérsias e desafios enfrentados por esta força.

3.2 O poderio militar contra o mundo

No ano de 1998, o discurso (EUA, 1998) do presidente Clinton deixa transparecer claramente, já naquela época, que a face do inimigo de um Estado não era só outro Estado propriamente constituído. O próprio Kissinger (2015, p. 218) admite uma dúvida sua quando pensa em como estabelecer a ordem no sistema internacional, quando os adversários são organizações não estatais que não defendem território específico e rejeitam os princípios da

legitimidade. Clinton autoriza, naquele ano, a realização de ataques com mísseis Tomahawk (GLOBALSECURITY, [entre 2018 e 2020]) em áreas controladas por terroristas no Afeganistão e na República do Sudão em oposição aos atentados terroristas efetuados pela Al-Qaeda nas embaixadas dos EUA na África. Já havia, neste ano, uma caçada aos terroristas espalhados pelo Oriente Médio, orquestrada pela defesa e consentida pelo governo, corroborando com a introdução do capítulo. Ele demonstrava uma preocupação com a questão dos terroristas para com a defesa nacional. E os ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001 vieram a provar que ele estava correto em suas crenças.

As ações militares internacionais cirúrgicas bem sucedidas pós-Somália autorizadas por Clinton na Bósnia-Herzegovina em 1995 e no Kosovo em 1998, não sendo abordados questionamentos internacionais políticos negativos, combinadas com o clima de paz e prosperidade econômico-social dentro dos EUA foram ingredientes ideais para que o seu povo guardasse até hoje boas lembranças do presidente. A opinião pública, perigosamente adversa como na Guerra do Vietnã por exemplo, não representava uma barreira para os atos presidenciais na época. Um artigo do *The Washington Post* (BAKER, 2008) é esclarecedor quanto ao momento vivido, quando Elizabeth Lewis, 22 anos e estudante de pós-graduação, comenta que ele (Clinton) não era muito adepto do confronto como Bush é hoje (à época). Dizia ela que as pessoas eram felizes com Clinton e que se lembrava de haver (no mandato) poucos conflitos. É fácil compreender que um Estado que goze de uma real estabilidade financeira e social, associado a hegemonia internacional sem potenciais adversários nas fronteiras, possa consentir que governantes ajam a bel-prazer em questões externas.

E não foi só isso. Discursando para o Congresso Nacional (EUA, 1998), Clinton ainda falava que ao enfrentar desafios internacionais, os norte-americanos estavam “ajudando” a escrever regras internacionais que seriam o caminho para o novo século, protegendo aqueles que se juntavam à família dos Estados e isolando os demais. Alegava que representava e falava

por todos naquela Câmara enquanto se dirigia em tom ameaçador ao presidente iraquiano Saddam Hussein Abd al-Majid al-Tikriti²⁰ (1937-2006): *You cannot defy the will of the world [...] You have used weapons of mass destruction before. We are determined to deny you the capacity to use them again.*²¹ E assim, o presidente agia no mundo sob aprovação, ou no mínimo, o consentimento de seu despreocupado povo estadunidense.

Notadamente, as interações militares internacionais de Clinton foram inúmeras e bem sucedidas, pelo menos taticamente no campo de batalha. Nos quase oito meses de governo de Bush antes dos atentados terroristas, ainda não era possível encontrar vestígios de que ele faria o mesmo. Na análise da presidência Bush do *The Washington Post* (MILBANK, 2004) em 2004 para fins de reeleição, é possível constatar que o ainda candidato, em seu discurso de aceitação em 2000 para concorrer ao primeiro mandato, nem mesmo mencionou a palavra terrorismo. Limitou-se a discursar sobre prioridades internas do país. Sua principal proposta delineava meramente um sistema de defesa antimísseis. Essa é uma prova cabal de que o político realmente não estava a par da grave questão representada pela Al-Qaeda e por outros atores perigosos internacionais similares. Não era clara uma visão realista e pragmática sobre o tema. O que se via eram citações carregadas de ceticismos.

Já eleito, discursando em uma Estação Aérea e Naval em Norfolk para um público militar estadunidense e da OTAN em fevereiro de 2001 (EUA, 2001b), Bush mostrou estar pouco mais a par dos desafios norte-americanos no exterior. Porém, transparecendo desconfiança, tinha uma visão reformista das Forças Armadas e, principalmente, uma ideia convicta de reformulação das estratégias da política exterior dos EUA. Ele destacou que a grave ameaça das armas nucleares, biológicas e químicas não desaparecera com a Guerra Fria, resistindo em concordar com o arrefecimento desta tensão. Reconheceu que houve uma

²⁰ Será usado a partir de então o nome abreviado conhecido internacionalmente como Saddam Hussein.

²¹ Você não pode desafiar a vontade do mundo [...] Você já usou armas de destruição em massa antes. Estamos determinados a negar a você a capacidade de usá-las novamente (tradução nossa).

evolução para ameaças distintas, difíceis de ver e responder, mas a incredulidade no que viu e ouviu de seu antecessor era visível. Ao mencionar vagamente que as ameaças agora vêm em um contêiner ou em uma mala, constata-se que ele foi apresentado ao problema, mas o tratou com um pouco de superficialidade demonstrando um bom grau de descrédito na estratégia de defesa do governo anterior e possíveis dúvidas sobre quem eram perfeitamente os inimigos a enfrentar.

É certo afirmar, porém, que sua consciência situacional aumentara se comparado à campanha presidencial. Todavia, em contraste à Clinton determinou que o secretário de defesa Donald Henry Rumsfeld (1932) começasse uma “revisão abrangente” da estratégia estadunidense, da estrutura das suas forças de defesa e das devidas prioridades no orçamento. Antes de fazer investimentos, queria conhecer suas “prioridades exatas”, sinalizando que nada ou muito pouco seria feito antes da revisão da defesa que provavelmente seria longa. Esse relatório revisado a ser produzido, segundo Bush, marcaria o início de uma nova agenda de defesa e, principalmente, uma nova visão estratégica. Ele não teria seguido, a princípio, a mesma linha de seu antecessor. Será visto no próximo capítulo que Clinton entendia bem o grau da ameaça representado pelo terrorismo da Al-Qaeda. Inclusive, uma proposta de ataque (U.S. CONGRESS, 2004, p. 131) em dezembro de 1998 na cidade de Kandahar, no Afeganistão, só não foi adiante não por falta de vontade política e treinamento militar, mas por ter Clinton aceitado a assessoria que o Estado-Maior Conjunto prestou sugerindo não lançar mísseis de cruzeiro contra bin Laden em razão dos fortes efeitos colaterais que trariam as mortes de civis.

3.3 Isolacionismo *versus* intervencionismo e o bom momento do psicossocial estadunidense

No período que engloba o segundo mandato de Clinton e o despertar para o combate ao terrorismo em 2001, os norte-americanos viveram anos de prosperidade na área social. Clinton e Bush puderam desfrutar de extensos recursos financeiros advindos da saúde nas contas federais para incentivar políticas públicas de bem estar. Naturalmente, o povo estadunidense sentiu um conforto cognitivo imenso que permitiu aos governantes ampla capacidade de modificar suas políticas de governo sem muitos entraves. Clinton conseguiu as menores taxas de desemprego nos tempos modernos (CASA BRANCA, [2006?] a) e quedas acentuadas nas taxas de criminalidade, alavancando o país. Bush, em um de seus discursos (EUA, 2001a), vislumbrava um “quadro de bênçãos” com orçamento equilibrado, excedentes, militares inigualáveis, um país em paz com os vizinhos, a tecnologia revolucionando o mundo e, com destaque, sua maior força: cidadãos preocupados que cuidam do país e uns aos outros. A harmonia proporcionava, em boa medida, implementar mudanças a gosto do poder, um perigo quando observada sua estratégia de defesa contra os inimigos do Oriente Médio.

Henry Kissinger, de forma análoga, sintetiza este pensamento estadunidense, correlacionando a vontade política agindo sob o consentimento popular:

A ordem precisa ser cultivada; não pode ser imposta. Isso vale particularmente numa era de comunicação instantânea e transformação política revolucionária. Qualquer sistema de ordem mundial, para ser sustentável, precisa ser aceito como justo — não apenas pelos líderes, mas também pelos cidadãos. Precisa refletir duas verdades: ordem sem liberdade, mesmo se baseada em entusiasmo momentâneo, acaba por criar o seu próprio contrapeso. Contudo, a liberdade não pode ser sustentada sem uma estrutura de ordem que mantenha a paz. Ordem e liberdade, às vezes descritas como polos opostos no espectro da experiência, deveriam, ao contrário, ser compreendidas como interdependentes. (KISSINGER, 2015, p. 16)

Nesse sentido, pode-se chegar à conclusão de que o momento descrito por Kissinger era demasiadamente similar ao momento que os EUA passavam a partir da segunda metade da década de 1990. Então, existia uma grande propensão da opinião pública a aceitar decisões por vezes controversas e políticas contundentemente opostas tanto de esquerdistas democratas como as de direita republicana.

As políticas internas assistencialistas, obviamente benéficas à sociedade dos EUA, inundaram o país em ambos os governos. Programas de incentivo à aquisição de moradias próprias (CASA BRANCA, [2006?] a), incremento e reformulação de políticas de apoio às crianças e aos idosos, como o *State Children's Health Insurance* e o Medicare²², incentivos direcionados ao ingresso nas faculdades e discussões e programas para tentar tratar as intrigantes questões da seguridade social e do racismo (CASA BRANCA, [2006?]a) foram o mote dos dois governantes. Uma genuína agenda de piedade e apreço para com os norte-americanos. Todas essas políticas públicas moldaram o psicológico dos cidadãos, mostrando um lado paternalista “necessário” e afável empreendido pelo Estado nos governos Clinton e Bush antes dos atentados aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001.

O ambiente de conforto social amplo, incutido internamente pelo governo nos países, é uma estratégia conhecida e proporciona muitas possibilidades políticas aos presidentes e suas agendas de governo, quaisquer que sejam elas. Cabe relembrar que o sentimento norte-americano é caracteristicamente ambíguo e mutável quanto às questões de intervenções externas. Assim, um ambiente favorável interno como esse propicia que se alternem políticas externas com certa facilidade, modificando a toada de Washington D. C.²³ sobre as questões conflitantes sem maiores problemas.

Na mudança do presidente em janeiro de 2001, Bush trazia uma aparente mensagem de líder com princípios fortes, políticas claras e mostrava determinação em devolver uma tal dignidade e moralidade em falta na Casa Branca. Se referia obviamente aos escândalos sexuais vergonhosos de Clinton. O refrão do discurso de aceitação da sua candidatura meses antes em 2000 era de que eles (Clinton e os Democratas) tiveram a sua chance no passado e não lideraram, então ele o faria (MILBANK, 2004). Na verdade, havia ali uma certa ruptura

²² O Programa Estatal de Seguro de Saúde Infantil (tradução nossa), foi projetado para fornecer cobertura de seguro para crianças cujas famílias ganham muito para se qualificarem para outro programa de baixa renda, o Medicaid, mas que não podem pagar por uma cobertura privada. (ASHA, [2007?]). Medicare é o programa federal de seguro de saúde para pessoas com 65 anos ou mais, certos jovens com deficiência e pessoas com doença renal em estágio terminal (insuficiência renal permanente que requer diálise ou um transplante, às vezes chamado de ESRD). (U.S. CENTERS FOR MEDICARE & MEDICAID SERVICES., [ca. 2018]).

²³ As letras D.C. representam a abreviatura de Distrito de Columbia (District of Columbia). A cidade é a capital dos EUA.

tradicional na manutenção de ideias e projetos e na passagem de funções da presidência, o que poderia ser inimaginavelmente prejudicial à segurança interna. Tradicional no cenário político mundial, viu-se muitas controversas de formas de gestão e acusações de erros de parte a parte. Enquanto Bush desacreditava das estratégias de governo e políticas externas de Clinton, este o criticava após os atentados aéreos de 11 de setembro de 2001 alegando abertamente que teria ao menos tentado capturar ou matar Bin Laden e que ele nada fez, subjugando a Al-Qaeda como a maior ameaça aos EUA (LIMBACHER; NEWSMAX, 2003, p. 249).

Mas a paz e prosperidade, alicerces desses dois governos, estavam com os dias contados. O mundo acompanharia apreensivo não só os ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001, mas também uma pausa na prosperidade estadunidense no início do século. Além de aumentar perigosamente os gastos federais, aliados com políticas substanciais de cortes de impostos, acarretando em decréscimos de arrecadação, Bush ainda viu uma recessão econômica surgir no início do ano de 2001 na sequência do estouro da Bolha da Internet²⁴. Assim, os tempos de relativa paz com a população não estavam mais garantidos e os questionamentos e reclamações nestes momentos de crise seriam mais corriqueiros.

Não obstante, é passível de destaque que Bush ganhou a eleição para seu primeiro mandato sem a maioria do apoio popular (CASA BRANCA, [2006?] a), entrando para um seletor e desastroso grupo de presidentes a conseguir esse feito. Essa combinação catastrófica de maus acontecimentos: a recessão econômica, o processo eleitoral conturbado e contestado e o passado glorioso de seu quase adversário Clinton, desenrolou-se em diversos percalços a enfrentar desde os primeiros meses de governo. Mas a questão *sine qua non* para o sucesso ou fracasso do que seria seu governo foi mesmo o terrorismo de 11 de setembro de 2001 e suas consequências.

3.4 Conclusão parcial

²⁴ A Bolha da Internet ou bolha das empresas “ponto com” foi uma bolha especulativa que se agravou no início dos anos 2000, caracterizada por uma forte alta das ações das novas empresas de tecnologia da informação e comunicação baseadas na Internet.

Foram oito anos muito prósperos do governo de Clinton no território norte-americano refletindo seu sucesso, na mesma medida, internacionalmente. Bush já não assume o país nas mesmas condições que Clinton, a crise econômica assola sua gestão desde os primeiros dias. Ao que parece, o novo presidente não se incomoda muito com a situação e estabelece um audacioso plano econômico e de investimentos estatais para suplantar tanto a crise como a boa gestão de seu antecessor. Só que ele, desde as eleições, já não estava nas “graças do povo” visto que sua ascensão a presidente foi problemática. Toda esta celeuma gerou um clima de desconfiança e apreensão em seus primeiros passos na presidência. O discurso de moralidade em contraposição aos escândalos sexuais do antecessor rapidamente perdeu força quando sua desenvoltura política frente aos novos desafios econômicos e às guerras se mostrou frustrante. Uma mudança de viés político não poderia criar uma cegueira cognitiva. É natural, mas inconsequente, imaginar que o excelente trabalho anterior poderia ser facilmente sustentado e até menosprezado por seus planos pessoais e de sua equipe.

O período Clinton, no âmbito da política externa, é considerado como bastante proveitoso, e nele os norte-americanos souberam lidar relativamente bem com os desafios imputados aos EUA por serem a potência hegemônica mundial à época. Houve sim questionamentos políticos sobre as intervenções externas, o principal sendo a questão da intervenção no Kosovo sob o pretexto de deter abusos de direitos humanos sem a aprovação prévia do Conselho de Segurança da ONU, mas essas reprovações por parte a parte não trouxeram qualquer desagravo real aos governos Clinton e Bush até os ataques aéreos terroristas de 2001. Não foi, dessa forma, um momento da história em que o viés isolacionista sobressaiu.

Claro está que, na transição de 2000 para 2001, observa-se o ponto de inversão de uma curva de crescimento do bom momento, iniciando um declínio natural por causa principalmente da apreensão dos espectadores e das consequências da crise econômica que

baquearam os EUA. É muito comum o ser humano, inadvertidamente, se poupar em seus pensamentos críticos quando há um agradável conforto social que atende os seus anseios mais básicos. Legitimando o momento próspero vivido, considerando a Teoria da Hierarquia das Necessidades disposta na Pirâmide de Abraham Maslow²⁵, pode-se imaginar que grande parte das três categorias de necessidades humanas mais básicas: fisiológicas, segurança e afeto, eram muito bem atendidas no seio da sociedade estadunidense. Assim, o poder de crítica e desconfiança ficou severamente comprometido de forma inconsciente para a grande massa. As principais questões ignoradas foram, sem dúvidas, as políticas externa e econômica do presidente Bush no início do mandato.

No próximo capítulo será feita uma abordagem mais a miúdo da situação que se encontrava o Estado norte-americano frente às evidências de que ocorreriam ataques terroristas em território nacional. Sobretudo, se era possível a inteligência estadunidense fazer a correta leitura das informações em tempo hábil de prevenir os atentados ou mitigar os efeitos deste poderoso ataque.

²⁵ A Teoria da Hierarquia das Necessidades de Abraham Harold Maslow (1908-1970) é uma teoria motivacional na área da psicologia que engloba um modelo de cinco níveis de necessidades humanas chamados de: *physiological, safety, love and belonging, esteem, and self-actualization* (fisiológico, segurança, amor e relacionamento, estima e realização pessoal – tradução nossa). São descritos como níveis hierárquicos dentro de uma pirâmide. Obra do autor: MASLOW, Abraham H. (1987). *Motivation and personality* (3rd ed.). New York.

4 INFORMAÇÕES COLETADAS SOBRE OS ATAQUES TERRORISTAS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001

Como não acreditar que o primeiro ataque terrorista promovido pelo extremismo islâmico às torres do World Trade Center em 1993 não foi o primeiro indício de que um dia as elas ruiriam? De acordo com *The 9/11 Commission Report*²⁶, o uso bem sucedido do sistema legal para punir somente os presos por este ataque teve um maléfico efeito colateral de ocultar a necessidade de se examinar o caráter e a extensão da nova ameaça do terrorismo (U.S. CONGRESS, 2004, p. 72). Somaram-se a este, ao longo da década, outros violentos atentados extremistas islâmicos como as explosões nas embaixadas dos EUA em Nairóbi na República do Quênia e Dar es Salaam na República Unida da Tanzânia, e os ataques aos navios de guerra USS *Sullivans* e USS *Cole*²⁷ no exterior. Para explicar os fenômenos, Kahneman usaria certamente o WYSIATI, lembrando uma das suas famosas frases já exploradas no capítulo teórico: Será que o que você vê é tudo o que há? Clinton demonstraria boa visão do problema.

Os ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001 abalaram, mas não deveria, como não foi, ser uma enorme surpresa visto que o terrorismo islâmico se difundiu ao longo da década de 1990 e um dia aportaria em território estadunidense. Nos anos de 1997 e 1998, as principais agências dos EUA (U.S. CONGRESS, 2004, p. 110) buscavam incessantemente travar uma batalha para capturar ou matar Bin Laden. Como dito por Clinton, citado no capítulo anterior, ele atacava e mantinha Bin Laden preocupado também com defesa. Já Bush não estava inclinado a guerrear e, nos poucos meses do seu governo antes de 11 de setembro, nenhum ataque contundente fora desferido contra a Al-Qaeda, apenas sendo autorizado voos de reconhecimento por Drone em um programa criado na era Clinton chamado *Predator* (U.S.

²⁶ *The 9/11 Commission Report* (Relatório da Comissão do 09/11 – tradução nossa) foi um relatório de uma comissão independente e bipartidária criada pela legislação do Congresso estadunidense e que contou com a assinatura do presidente Bush em 2002.

²⁷ O atentado ao USS *Sullivans* foi frustrado. Porém, quase 1 ano após, a mesma ação foi bem sucedida no famoso ataque ao USS *Cole*. USS é a sigla para *United States Ship*, Navio dos Estados Unidos conforme tradução nossa.

CONGRESS, 2004, p. 210). Nesta nova fase, constata-se que Bush não estava, inconscientemente, propenso a sair da sua zona de conforto com facilidade, mesmo que indícios praticamente o “obrigasse” a tratar o assunto com cuidado. Eles queriam só armar o Drone.

A primeira informação concreta que circulou internamente, marcando que o terror chegaria ao território dos EUA, foi a prisão do argelino Ahmed Ressam (1967) em dezembro de 1999 (U.S. CONGRESS, 2004, p. 176). Enquanto tentava entrar nos EUA por meio da fronteira com o Canadá, ele foi ocasionalmente preso apenas por questões de falsificação de documentos. Ao examinarem o automóvel usado, os agentes da alfândega identificaram um pó branco e um líquido viscoso junto com dispositivos de cronometragem escondidos em caixas pretas. As investigações sobre sua prisão correram normalmente e, em maio de 2001, já se sabia que ele tinha intenção de detonar os explosivos no aeroporto de Los Angeles. Logo após a prisão, o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) pediu um número expressivo de escutas telefônicas (U.S. CONGRESS, 2004, p. 179) visto que o indivíduo era reconhecidamente alguém que recebera treinamento da Al-Qaeda no Afeganistão. O conselheiro de segurança nacional do presidente Clinton deu ciência ao presidente deste fato e dos possíveis desdobramentos. O *Justice Department*²⁸ divulgou uma declaração de alerta a nível nacional informando que células terroristas estrangeiras estavam presentes nos EUA e ataques eram prováveis. Decerto, pode-se inferir que se os ataques aéreos estivessem programados para ocorrerem no governo de Clinton, suas chances de sucesso seriam relativamente menores. A consciência situacional dele era superior à de Bush. Como visto no apoio teórico, o Sistema 2 precisa estar concentrado em um assunto sem distrações para a melhor decisão, e ele estava. As ações mínimas para repelir a ameaça eram efetivamente tomadas por Clinton.

O segundo forte indício de que os EUA seriam atacados, agora internamente, foi a constatação da livre presença de terroristas conhecidos em solo norte-americano (U.S.

²⁸ Departamento de Justiça (tradução nossa).

CONGRESS, 2004, p. 197). O *National Security Council* (NSC), a CIA, o FBI e a Justiça estadunidenses tinham conhecimento que células terroristas dos EUA, antes adormecidas, e uma variedade de terroristas ligados à Al-Qaeda apareceram em território nacional a partir de janeiro de 2000 (U.S. CONGRESS, 2004, p. 182). Nota-se, de maneira franca, que nesse governo ainda não ocorria a Heurística da Autoconfiança de Kahneman, uma fonte de fracassos. As amargas experiências anteriores os livrariam da complicada situação acometida a Bush.

No nível político-estratégico, o *Principals Committee*²⁹ do NSC, órgão de assessoramento ao presidente, se reuniu em março de 2000 para traçar estratégias importantes do governo a partir do agravamento da situação (U.S. CONGRESS, 2004, p. 182). Ficou definido, em primeiro lugar, mais dinheiro para a CIA para aumentar o atrito com a Al-Qaeda, mantendo os Sistema 1 e 2 inimigos saturados de estímulos o forçando-os a erros de julgamento e decisão. Segundo que deveria haver repressão maior às organizações terroristas estrangeiras nos EUA. Por fim, atrasado em terceiro lugar, era necessária a aplicação de leis de imigração restritivas rígidas nas fronteiras, alguma associação com a ideia de *impressão de familiaridade* de Kahneman quando se identifica uma palavra ou ato depois de ouvidas ou associadas outras três ou quatro ideias semelhantes. O Sistema 2, mais lógico, tem apenas alguma capacidade de controlar isso. O erro de permitir a entrada de terroristas só agora seria combatida. Entretanto, segundo *The 9/11 Commission Report*, Clinton entendeu o perigo da conclusão de que os EUA seriam atacados, pois ao visitar a República Islâmica do Paquistão no mesmo mês, ele “ofereceu a Lua em termos de melhores relações com os EUA” (U.S. CONGRESS, 2004, p. 183) se dirigindo a Syed Pervez Musharraf (1943) em referência ao seu pedido de captura de Bin Laden.

Comparando à postura de Bush, é possível identificar que não havia uma necessidade extrema de se reformular a estratégia para o combate ao terror, tão pouco as Agências de Inteligência e Forças Armadas, pois os dados existiam e estavam à disposição. Era

²⁹ Comitê de Diretores (tradução nossa).

imperativo acreditar na gravidade da ameaça e no trabalho já realizado pelo antecessor para mitigar a iniciativa de Bin Laden. Lembrando Kahneman, o Sistema 1 envia, às vezes erradamente, impressões e intuições que se transformam em crenças, e impulsos que se transformam em ações voluntárias, e Bush voluntariamente não deu continuidade ao ímpeto de “caça” à Al-Qaeda na sua vez de fazê-lo. Nenhum ataque contundente foi autorizado em seu mandato. Havia uma espera conveniente e confortável para que o *Predator* fosse armado, o que demorava a acontecer. Ademais, houve um retrocesso em passos já dados com o excessivo uso da diplomacia ineficaz mais o refazimento de planos de ação por ordem da nova presidência.

O mais evidente dos indícios estava contido no Memorando de Phoenix de julho de 2001 (U.S. CONGRESS, 2004, p.272). Um agente do FBI enviou para a sede e para o esquadrão antiterrorismo do FBI em Nova Iorque um memorando sugerindo que haveria um “esforço coordenado de Bin Laden” para enviar estudantes aos EUA a fim de frequentarem escolas de Aviação Civil. Sua desconfiança certa tinha embasamento no número desordenado de indivíduos com interesse em matricular-se no Arizona. O agente fez quatro recomendações surpreendentes: compilar uma lista de Escolas de Aviação Civil; estabelecer uma ligação entre estas escolas; discutir sua teoria sobre Bin Laden com a comunidade de inteligência; e buscar autorização para obter informações sobre vistos de pessoas que buscam inscrição em escolas de voo. Suas propostas não foram analisadas, muito menos acatadas. O documento ficou engavetado e nenhum setor tomou as providências sugeridas pelo agente que poderiam em muito contribuir para desvendar a trama. Lideranças da *Usama Bin Ladin Unit* e da *Radical Fundamentalist Unit*³⁰ do FBI foram designados, mas não chegaram a processá-lo e agir.

Aí, nesse caso, a informação bateu a porta da inteligência norte-americana, que não tratou o dado corretamente em tempo. Faz-se mister rememorar que Clinton obteve sucesso nos seus mandatos e Bush ainda começava com dificuldades. Entretanto, como visto, Clinton era

³⁰ Unidade Osama bin Laden e Unidade Fundamentalista Radical respectivamente conforme tradução nossa.

cauteloso pois teve insucessos desastrosos no início do primeiro mandato. Kahneman é assertivo comentando que quem tem uma visão externa ao problema pode encontrar uma solução para um dilema interno. A esclarecedora questão da visão de dentro e de fora exposta pelo agente, aqui considerado visão de fora por não estar ele envolvido diretamente com o dilema das lideranças do FBI, poderia ter revelado o complô pretendido pelos terroristas.

Mais um indício da mesma espécie foi a investigação de inteligência aberta em agosto de 2001 sobre a prisão do francês Zacarias Moussaoui (1968) (U.S. CONGRESS, 2004, p.273). Um agente do FBI, junto com um representante do *Immigration and Naturalization Service* (INS), suspeitou que Moussaoui planejaria sequestrar um avião devido ao fato de, mesmo com pouco conhecimento em voar, já querer aprender a decolar um Boeing 747. Rapidamente foi descoberto que ele possuía crenças jihadistas extremistas, tendo frequentado duas escolas de voo nos EUA. Como será visto, as agências sabiam que algo perigoso estava para acontecer, mas o excesso de informações não permitia um direcionamento correto das investigações em tempo hábil. Tanto para aquele agente do Memorando de Phoenix como para estes, seus Sistemas 2 não estavam saturados com inúmeros relatórios a processar, permitindo que praticamente previssem o ocorrido. Já para as lideranças das Agências de Inteligência e para o alto escalão do governo, a elevação da quantidade e gravidade dos relatórios recebidos diariamente (U.S. CONGRESS, 2004, p.260) fez com que eles não conseguissem priorizar, processar e agir corretamente tudo que chegava. Kahneman comenta que, quando há excesso de informações, é normal o Sistema 1 atuar para “aliviar” o “lento” Sistema 2 e, assim, atitudes adequadas deixam de ser tomadas. Enfim, destaca-se que era meado de 2001 e o presidente e o alto escalão do governo eram outros com funções chaves ainda sendo reconhecidas. As novidades são muitas e quando tudo é prioridade, muito pouco têm tratamento prioritário. O momento era adequado para um ataque do oponente e o tempo voava.

O quarto indício a chegar nas mãos de Bush é, na verdade, uma grande prova que o alto escalão federal sabia que algo poderia acontecer dentro do país. A questão é que o novo e pouco informado governo tinha alguma preocupação, mas não dava o crédito necessário. Em 2001, Bush perguntou às Agências de Inteligência se alguma ameaça apontava para dentro dos EUA (U.S. CONGRESS, 2004, p.260). Visando realimentá-lo, a CIA decidiu escrever um artigo resumindo sua compreensão do perigo. O usual Resumo Diário Presidencial (ANEXO A) destacava que Bin Laden estava determinado a atacar nos EUA. Situações críticas que mostram bem a questão foram projetadas ao presidente no dia 06 de agosto de 2001. Para a *The 9/11 Commission*, Bush confessou ser o relatório apenas de natureza histórica. Não seriam mais claras as indicações mostrando a periculosidade do caso. É provável que ele não tenha tomado ações contundentes por duas razões: o excesso de informações que um presidente recebe nos primeiros meses de governo é incomensurável e, por vezes, o tratamento adequado não é dado; ou a crença na ameaça e atitudes que elas tomariam não era real. Quando assumiu, Bush insistia em conhecer as “prioridades exatas” e houve uma inversão de viés político-ideológico. Havia uma predisposição do seu Sistema 1 em contestar as posições anteriores!

Um quinto inquietante indício que poderia impedir ou atrapalhar os planos da Al-Qaeda foi a acertada disseminação de um CD-ROM às companhias aéreas e autoridades aeroportuárias descrevendo a ameaça crescente à Aviação Civil (U.S. CONGRESS, 2004, p.264). A mídia da *Federal Aviation Administration* (FAA) mencionava a possibilidade de sequestros suicidas, mas de forma desastrosa dizia que felizmente não se tinha indicação de que qualquer grupo estivesse pensando nisso. Não se aumentou a segurança em postos de controle ou a bordo de aeronaves no país, apenas sendo sugerido "exercitar a prudência". Para Kahneman, basta que para o Sistema 1 uma história faça sentido e não necessariamente ela seja verdadeira. É o famoso conforto associativo já bastante trabalhado. Para a infelicidade de muitos, somente se estivessem disponíveis dados estatísticos combinados com visões externas

é que poderia alertar o Sistema 2 do produtor do aviso. Como muito bem defendido pelo teórico, são imprescindíveis previsões ousadas como ferramenta da administração do risco.

Como dito, a sexta inacreditável informação de que algo grave ocorreria foi a inteligência dos EUA constatar que, em meados de 2001, cresceu exponencialmente o número e a gravidade sem precedentes dos relatórios de ameaças no país. Apesar de em grande número, muitas ameaças informadas eram descartadas pois continham poucas especificidades sobre tempo, local, método ou alvo, um típico problema exposto por Kahneman intitulado *ilusão da validade* – uma resposta errônea que quase não deixa dúvidas tendendo ser aquela baseada em evidências ineficientes e informações escassas, evitando o desconforto mental. Assim, a maioria inferiu que os ataques seriam no exterior, outros indicaram ameaças contra "interesses dos EUA". Houve uma disparidade nos níveis de resposta a ameaças estrangeiras em detrimento das internas. Uma ameaça contra a embaixada no Iêmen resultou no seu fechamento (U.S. CONGRESS, 2004, p. 263). Ameaças caseiras eram rotineiramente avaliadas como vagas e, então, descartadas. A tímida liderança internacional de Bush e a dialética estadunidense de intervenção nas contendas exteriores, cambando fortemente para o isolacionismo nos primeiros meses, foi mais uma força que contribuiu para essa inépcia governamental.

A última significativa informação escolhida foi que os níveis estratégico, operacional e tático, como visto, tinham uma boa noção de que algo grave aconteceria em breve, mas o político não. A CIA, por exemplo, sabia de muita coisa, mas não convencia os novos entrantes, decisores políticos, da sua causa. Na realidade, já não tinha muito interesse da Casa Branca em realizar novas operações militares contra o Al-Qaeda desde as últimas semanas do governo Clinton (U.S. CONGRESS, 2004, p. 196). No final de 2000, a CIA e o NSC começaram a pensar sobre a agenda política de contraterrorismo que apresentariam à nova administração. O ímpeto arrefeceu! Como defendido por Kahneman, especialistas (no caso os políticos e diretores nomeados por estes) têm tendências a cometerem erros maiores do que

outros leitores atentos e interessados e especialista menos populares, considerados leigos por aqueles. O baixo escalão das agências de inteligência, como mostrado, em várias ocasiões encontraram indícios claros do que ocorreria e estavam convencidos.

Em dezembro de 2000, Bush se reuniu com Clinton para uma discussão de horas sobre os desafios da segurança e política externa (U.S. CONGRESS, 2004, p. 199). Ele relata que lembrou de dizer a Bush que achava que ele descobriria que sua maior ameaça seria Bin Laden e a Al-Qaeda (LIMBACHER; NEWSMAX, 2003, p. 249). Bush disse à *The 9/11 Commission* que tinha certeza de que Clinton havia mencionado terrorismo, mas não se lembrava muito de ter sido dito algo sobre a Al-Qaeda. Teria enfatizado, nas palavras dele, questões como a Coreia do Norte e a difícil paz israelense-palestino. Passado no capítulo anterior, a sociedade norte-americana vivia um estado de conforto cognitivo imenso e isso também afetava de forma atraçoada membros do alto escalão de agências e do governo. Evocando Kahneman, o Sistema 2 por vezes aceita coerentemente a ação do Sistema 1 quando a probabilidade de acerto é grande e o preço a ser pago é baixo. Mas, como mostra a história, este preço não foi baixo por ocasião dos ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001.

O *Principals Committee* discutiu sobre a Al-Qaeda ainda em abril de 2001 (U.S. CONGRESS, 2004, p. 211). *Slides* do Resumo da CIA descreveram a Al-Qaeda como o grupo mais perigoso enfrentado até então. Citava sua liderança, experiência, recursos, porto seguro no Afeganistão e foco em atacar os EUA, sugerindo que haveria mais ataques. Um tempo depois, Richard Alan Clarke (1950), que foi Coordenador Nacional de Contraterrorismo da NSC de 1997 a 2001 na era Clinton, escreveu para Condoleezza Rice (1954), esta Conselheira de Segurança Nacional de Bush em 2001, relatando que o padrão de atividade da Al-Qaeda indicava um planejamento de ataques nas últimas seis semanas, atingindo um crescente. Ele e os Analistas do Estado, CIA, *Defense Intelligence Agency* (DIA) e *National Security Agency* (NSA) estavam convencidos de que um grande ataque terrorista ou série de ataques eram

prováveis em julho de 2001 (U.S. CONGRESS, 2004, p. 257). De mais a mais, um relatório da inteligência sobre a Al-Qaeda alertou que algo “muito grande” estava prestes a acontecer e a maior parte da rede de Bin Laden estava supostamente antecipando o ataque. Conclui-se que ainda que algo esteja dando certo sendo feito da forma errada, não necessariamente se deve continuar fazendo desta forma. A crítica e decisão pelo Sistema 2 destes conselheiros junto a Bush foram influenciadas de forma nociva pelo comportamento excessivamente autoconfiante por não terem sido atacados com sucesso dentro do país até então. Se sentiam protegidos.

A verdade é que as agências nacionais tinham muitas frentes abertas e estavam desorientadas. Roger Cressey (1965), Oficial de Contraterrorismo da NSC de 1999 a 2001, disse que o *Counterterrorism Security Group* (CSG) não informou às agências como responder às ameaças. Nem o NSC (incluindo o CSG) nem ninguém os instruiu a criar um plano (U.S. CONGRESS, 2004, p. 264). Os movimentos contra a Al-Qaeda não esperariam meses por uma revisão maior da estratégia de defesa, por exemplo. O resultado foi catastrófico! Existiam distrações também desafiadoras para Bush: as novidades e desafios de um governo, a nova crise econômica, as promessas de campanha a cumprir, os problemas internos não atinentes à Defesa e as outras questões de conflito ao redor do globo terrestre. Realmente não era fácil para ele.

4.1 Conclusão parcial

Informações e relatórios circulavam entre membros do alto escalão das agências e o governo, causando alguma confusão. O governo era novo em 2001 e o partido Republicano só retornava ao poder depois de oito anos de uma angustiante expectativa. Havia uma ansiedade premente em modificar o *status quo* favorável à política do antecessor Clinton.

As informações coletadas sobre os ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001 parecem escandalosas, mas não se deve esquecer o que fora abordado no capítulo de

Kahneman, que o Sistema 2 erroneamente acha fácil uma solução depois que ela foi concebida. Neste caso, percebe-se que a solução para desencobrir o conluio poderia ser encontrada cedo ou tarde. Mas ficou tarde demais! No “jogo”, acurado foi o *timing* escolhido por Bin Laden.

A questão enfática foi haver políticas para defesa dos “interesses estadunidenses” no exterior e não ter uma política de segurança interna para se contrapor às bandeiras levantadas pelo contendor adversário. Muito disso é explicado por Kahneman quando ele fala que uma boa história a ser formada no Sistema 1 é aquela baseada nas informações disponíveis e não nas informações não disponíveis. Relembrando, o excesso de utilização do Sistema 2 pode causar um cansaço perigoso em pessoas importantes. A forma extremista da jihad foi levada aos EUA e estava difícil entender como se daria a trama. Muito disso por causa do descrédito na ameaça.

Uma das prioridades do ataque suicida foi a busca pela surpresa, atacando no momento adequado. A Al-Qaeda e suas células primavam por isso, mas cometiam erros naturais. Era importante para a Segurança Nacional dos EUA minimizar, de todas as formas, a criação e implementação de novas políticas públicas de segurança interna e externa nesta transição. Fazendo um paralelo simples, é o período da troca dos turnos de vigilância que um meliante geralmente escolhe para atacar e aumentar as chances de atingir seus objetivos perversos. Há uma possibilidade ímpar de encontrar um vigia desprevenido e ainda não ambientado. Os ataques terroristas aos norte-americanos já aconteciam há muitos anos e a consciência situacional de Bush aumentava com o tempo, mas os terroristas foram mais rápidos.

Em que pese a possibilidade de o presidente ter sido relapso, é preciso compreender que os desafios dele não eram só a defesa. Pode-se inferir que o erro é estranhamente natural e a “fissura” nesse caso residiu na comunicação entre os níveis político e estratégico. Talvez o método utilizado para retirar o presidente e a cúpula do governo da zona de conforto não foi eficaz. E como Kahneman brilhantemente defende, ninguém aprecia ser retirado da sua zona de conforto.

5 CONCLUSÃO

Haverá uma divisão sistemática do capítulo em três pilares básicos diferentes: as conclusões que decorrem da pesquisa pelo que foi proposto no estudo investigativo não propositivo; que se sugiram questões que sejam investigadas em pesquisas futuras e estas ajudem a construir algum conhecimento correlato ao trabalho; e, finalmente, recomendações sobre ações práticas a serem tomadas pela Marinha do Brasil visando mitigar o problema apresentado no âmbito da administração naval em todos os níveis.

O trabalho em questão visou medir o comportamento estadunidense, principalmente do alto escalão do governo e das principais Agências de Inteligência norte-americanas quando defrontados pelos indícios dos ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001. Tudo isso apoiado na teoria de Kahneman para a lógica do pensamento humano.

Adicionalmente, buscou-se salientar a importância de se conhecer como o flutuante “estado de espírito” cognitivo da população e dos governantes pode conceber comportamentos distintos. Uma sociedade que repousa perigosamente em boa gestão, prosperidade econômica e qualidade de vida em contraponto com outra que possua problemas críticos de gestão e condições de habitabilidade, por exemplo. Os tempos fáceis podem formar uma vultuosa massa crítica adormecida que não enxergará clarividentes informações de algo gravíssimo ocorrendo dentro do território no pior momento, a princípio propositalmente explorado pelo inimigo.

Como visto no capítulo anterior, quando foi efetuada a juntada das “ideias-força” encontradas tanto no arcabouço teórico de Kahneman, como nas similares ideias da análise do Estado norte-americano, mais os indícios coletados do ataque, pôde-se verificar que a ação da Al-Qaeda era clara aos olhos de algumas pessoas e deixou erros espalhafatosos apenas para quem faz uma análise externa fria e sem compromisso com a causa. O que não se pode relegar é que o momento e a forma de condução do ato foram minuciosamente planejados e muito bem

conduzidos na linha do tempo, em que pese os rastros deixados. O objetivo do conspirador foi atingido com um sucesso talvez inimaginado por ele próprio!

Já o dilema discorrido no planejamento do estudo em lide era pautado na premissa de se o Estado norte-americano processou corretamente os indícios dos atentados terroristas realizados pela Al-Qaeda contra as torres gêmeas do World Trade Center e o Pentágono, nos EUA, no dia 11 de setembro de 2001. Findado o processo, fica em evidência que não houve o tratamento adequado aos indícios, mas é complexo afirmar que houve algum tipo de desleixo. Foi mais francamente percebido a perspicácia e correto estudo e execução da trama, do que qualquer erro avaliado como grosseiro por parte dos EUA. A “foto” dos aviões se chocando contra as torres não pode criar uma ilusão cognitiva de que não exista um “filme” se passando, praticamente iniciado em 1993 quando os extremistas tentaram derrubá-las pela primeira vez. No ápice, o “filme” mostrava os atentados nas embaixadas e aos navios de guerra. No meio, os eventos de 11 de setembro. Para fechar, a guerra no Afeganistão. Foram anos de planejamento dos atentados, observando-se a iniciativa das ações partindo majoritariamente pelo lado da Al-Qaeda. Não dá para pensar que era apenas um grupo maluco de homens-bomba.

As proposições para trabalhos de pesquisa posteriores, em que pesem sua relativa subjetividade, poderá produzir subsídios que contribuirão para amenizar a expressiva deficiência observada em várias modificações de titularidade, sejam elas em níveis políticos governamentais ou em cargo e função chave das Forças Armadas. Ademais, a visão holística do problema não foi possível ser toda ela abordada. Assim, outros mais ensinamentos militares ou não podem ser extraídos caso os assuntos propostos sejam abarcados por algum outro estudo.

Partindo da premissa que sempre haverá um lapso de conhecimento e do desempenho de atividades críticas em qualquer transferência de atribuições de um indivíduo para outro, ou como apresentado, de um grupo titular para grupos entrantes, pergunta-se:

– Se a premissa é verdadeira, quais ferramentas, processos e métodos, preocupações, riscos e segredos seriam necessários para a mitigação de uma ameaça tão real ao sucesso desses projetos de transição, de forma que a perda esperada inevitável seja mínima e não comprometa o sucesso da atividade desempenhada como ocorreu, a exemplo, no caso da passagem do presidente Clinton para Bush em 2001? A troca de comandantes e funções críticas simultâneas em um porta-aviões ou submarino nuclear poderia enfrentar desafios similares?

Uma outra questão intrigante neste estudo de pesquisa foi que, em algumas passagens, foi possível identificar uma sutil intenção política e histórica de “americanizar” a cultura ocidental dos EUA nos países do Oriente Médio e no mundo, tratando-a grotescamente como correta e a outra parte, abordada aqui de forma simplória, como errada. Assim, questiona-se:

– Por um momento que seja não se pode pelo menos imaginar, fugindo do senso comum ocidental, que a cultura extremista Islâmica é que seria coerente e a ferramenta para buscar “sua justiça”, mesmo estando em desvantagem militar e usando o terrorismo para atingimento dos seus objetivos, é o que lhes resta? Qual o motivo para a ideologia ocidental ser a normalidade mundial?

Imaginando que a causa defendida por estes seres humanos faça algum sentido, sendo eles afastados física-ideologicamente da “ocidentalidade”, a Al-Qaeda e suas dissidências poderiam ser a ferramenta ideal, uma espécie de equipe de operações especiais para a defesa da querência da comunidade Islâmica mais radical do Oriente Médio e mundial. Uma boa iniciação nesta temática pode ser muito bem explorada pelas escrituras encontradas no livro: *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*³¹, uma obra do cientista político norte-americano Samuel Phillips Huntington (1927-2008).

³¹ O Choque das Civilizações e a Reformulação da Ordem Mundial (tradução nossa).

Finalmente, pelo fato de ter deixado de ser o foco da abordagem, dada a relevância e abrangência de toda a luta norte-americana na década de 1990 contra o terrorismo que culminou neste incidente de 11 de setembro de 2001, a última das perguntas que instigaria a produção de mais estudos é:

– Quais seriam as lições aprendidas a serem implementadas no meio militar convencional por uma força mais frágil que o oponente e quais estratégias e táticas de sucesso levaram a Al-Qaeda ao atingimento de seu objetivo em sua ação nos ataques aéreos terroristas de 11 de setembro de 2001? Uma Força Armada regular poderia absorver ensinamentos, estratégias e táticas da ação terrorista para implementação na guerra convencional?

Para a finalização do estudo investigativo, a principal sugestão para a Marinha do Brasil gira em torno de angariar conhecimentos aos principais intencionados para primazes cargos e funções da administração naval. Seriam exploradas situações que poderiam impactar significativamente a Força Naval na repercussão midiática ou a deflagração interna de traumas administrativos e operativos substanciais. Essa sugestão pode ser a criação de estudos de caso a serem explorados nas escolas de estudos militares ou a produção de periódicos, mídias ou textos que sintetizem as conclusões e explorem os passos fundamentais para o sucesso dos terroristas até o derradeiro dia dos ataques aéreos em 11 de setembro de 2001. Afinal, relembrando Kahneman na sua teoria: atitudes que pareciam prudentes quando vistas previamente podem parecer de uma negligência irresponsável quando vistas retrospectivamente.

REFERÊNCIAS

ASHA (EUA). American Speech-Language-Hearing Association. **State Children's Health Insurance Program (SCHIP)**. [S. l.], [2007?]. Disponível em: <https://www.asha.org/practice/reimbursement/medicaid/SCHIP/>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BAKER, Peter. **Bill Clinton's Legacy**. The Washington Post, NORMAN, Oklahoma, 3 fev. 2008. 2, p. 1-2. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/02/02/AR2008020202521_2.html. Acesso em: 20 jul. 2020.

BBCBRASIL. **EUA e China: uma história de conflitos**. [S. l.], 6 abr. 2001. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010404_historiachinaeua.shtml. Acesso em: 17 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. Brasília. 2011.

CASA BRANCA (EUA). **George W. Bush**. In: FREIDEL, Frank; SIDEY, Hugh. The Presidents of the United States of America. Washington D.C., [2006?]. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/george-w-bush/>. Acesso em: 1 ago. 2020.

_____. (EUA). **William J. Clinton**. In: FREIDEL, Frank; SIDEY, Hugh. The Presidents of the United States of America. Washington D.C., [2006?]. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/william-j-clinton/>. Acesso em: 1 ago. 2020.

CLARKE, Walter S.; HERBST, Jeffrey. **Learning From Somalia: The Lessons Of Armed Humanitarian Intervention**. [S. l.]: Westview Press, 1997, p. 3.

DINIZ, Eugênio. **Relacionamentos Multilaterais na Unipolaridade: Uma Discussão Teórica Realista**. Contexto Internacional, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 505-565, dez 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cint/v28n2/a05v28n2.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2020.

EUA. Presidente (1993-2001: William J. Clinton). **Discurso aos membros do 105º Congresso Nacional na Câmara dos Representantes**. Washington, D.C., 27 jan. 1998. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/special/states/docs/sou98.htm>. Acesso em: 05 jul. 2020.

_____. Presidente (2001-2009: George W. Bush). **Discurso para a sessão conjunta do Congresso dos EUA**. Washington, D.C., 27 fev. 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/02/20010228.html>. Acesso em: 11 jul. 2020.

_____. Presidente (2001-2009: George W. Bush). **Observações do Presidente às Tropas e Pessoal**. Norfolk, Virgínia, 13 fev. 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/20010213-1.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual de Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.

GLOBALSECURITY. **BGM-109 Tomahawk**: Operational Use. [S. l.], [entre 2018 e 2020]. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/systems/munitions/bgm-109-operation.htm>. Acesso em: 20 jul. 2020.

HISTORY. **George W. Bush**. [S. l.]: History.com Editors, 9 nov. 2011. Disponível em: <https://www.history.com/topics/us-presidents/george-w-bush>. Acesso em: 15 jul. 2020.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar**: Duas formas de pensar. [recurso eletrônico] / Daniel Kahneman; tradução: Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Edição Kindle.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. / Henry Kissinger; tradução Cláudio Figueiredo. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 275 p. ISBN 978-85-390-0669-4 (recurso eletrônico). Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-ordem-mundial-henry-kissinger-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 1 ago. 2020.

LANGER, GARY. **Poll**: Clinton Legacy Mixed. In: AbcNEWS. [S. l.], 6 jan. 2006. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/story?id=120952>. Acesso em: 4 ago. 2020.

LIMBACHER, Carl; NEWSMAX. **Hillary's Scheme**: Inside the Next Clinton's Ruthless Agenda to Take the White House. First. ed. NEW YORK: Crown Forum, 2003. 288 p. ISBN 10: 0761531157.

MILBANK, Dana. **From His 'Great Goals' of 2000, President's Achievements Mixed**. The Washington Post, New York, p. A01, 2 set. 2004. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A54556-2004Sep1.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Síndrome de Burnout**: o que é, quais as causas, sintomas e como tratar. Brasília, [entre 2013 e 2020]. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (BRASIL). **Protocolo de Quioto**. Brasília, [entre 2005 e 2020]. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/protocolo-de-quioto.html>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ONU (EUA). Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Defining terrorism**. [S. l.], jul. 2018. Disponível em: <https://www.unodc.org/e4j/en/terrorism/module-4/key-issues/defining-terrorism.html>. Acesso em: 3 ago. 2020.

U.S. CENTERS FOR MEDICARE & MEDICAID SERVICES. (EUA). Medicare.gov. **What's Medicare?**. [S. l.], [ca. 2018]. Disponível em: <https://www.medicare.gov/what-medicare-covers/your-medicare-coverage-choices/whats-medicare>. Acesso em: 9 jul. 2020.

U.S. CONGRESS (EUA). National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States. Report. **The 9/11 Commission Report**, [S. l.], p. 1-567, 21 ago. 2004. Disponível em: <https://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

WEAVER, Elizabeth A. II; DOYLE, Hilary H. **Cells of the Brain**. Dana Foundation, 08 ago. 2019. Disponível em: < <https://dana.org/article/cells-of-the-brain/> >. Acesso em: 27 jun. 2020.

ANEXO A - DESTAQUE DO RESUMO DIÁRIO PRESIDENCIAL DE 6 DE AGOSTO DE 2001 (ORIGINAL)

The following is the text of an item from the Presidential Daily Brief received by President George W. Bush on August 6, 2001.³⁷ Redacted material is indicated by brackets.

Bin Ladin Determined To Strike in US

Clandestine, foreign government, and media reports indicate Bin Ladin since 1997 has wanted to conduct terrorist attacks in the US. Bin Ladin implied in US television interviews in 1997 and 1998 that his followers would follow the example of World Trade Center bomber Ramzi Yousef and "bring the fighting to America."

After US missile strikes on his base in Afghanistan in 1998, Bin Ladin told followers he wanted to retaliate in Washington, according to a [-] service.

An Egyptian Islamic Jihad (EIJ) operative told an [-] service at the same time that Bin Ladin was planning to exploit the operative's access to the US to mount a terrorist strike.

The millennium plotting in Canada in 1999 may have been part of Bin Ladin's first serious attempt to implement a terrorist strike in the US. Convicted plotter Ahmed Ressam has told the FBI that he conceived the idea to attack Los Angeles International Airport himself, but that Bin Ladin lieutenant Abu Zubaydah encouraged him and helped facilitate the operation. Ressam also said that in 1998 Abu Zubaydah was planning his own US attack.

Ressam says Bin Ladin was aware of the Los Angeles operation.

Although Bin Ladin has not succeeded, his attacks against the US Embassies in Kenya and Tanzania in 1998 demonstrate that he prepares operations years in advance and is not deterred by setbacks. Bin Ladin associates surveilled our Embassies in Nairobi and Dar es Salaam as early as 1993, and some members of the Nairobi cell planning the bombings were arrested and deported in 1997.

Al-Qa'ida members-including some who are US citizens-have resided in or traveled to the US for years, and the group apparently maintains a support structure that could aid attacks. Two al-Qa' da members found guilty in the conspiracy to bomb our embassies in East Africa were US citizens, and a senior EIJ member lived in California in the mid-1990s.

A clandestine source said in 1998 that a Bin Ladin cell in New York was recruiting Muslim-American youth for attacks.

We have not been able to corroborate some of the more sensational threat reporting, such as that from a [-] service in 1998 saying that Bin Ladin wanted to hijack a US aircraft to gain the release of "Blind Shaykh" 'Umar 'Abd al-Rahman and other US-held extremists.

Nevertheless, FBI information since that time indicates patterns of suspicious activity in this country consistent with preparations for hijackings or other types of attacks, including recent surveillance of federal buildings in New York.

The FBI is conducting approximately 70 full field investigations throughout the US that it considers Bin Ladin-related. CIA and the FBI are investigating a call to our Embassy in the UAE in May saying that a group of Bin Ladin supporters was in the US planning attacks with explosives.

Fonte: *The 9/11 Commission Report*. Disponível em: <https://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

DESTAQUE DO RESUMO DIÁRIO PRESIDENCIAL DE 6 DE AGOSTO DE 2001 (TRADUÇÃO NOSSA)

A seguir, o texto de um item do *Resumo Diário Presidencial* recebido pelo presidente George W. Bush em 6 de agosto de 2001. O material redigido é indicado por parênteses.

Bin Laden determinado a atacar nos EUA

Relatórios clandestinos, governamentais estrangeiros e da mídia indicam que bin Laden, desde 1997, quer realizar ataques terroristas nos EUA. Bin Laden insinuou em entrevistas de televisão dos EUA em 1997 e 1998 que seus seguidores seguiriam o exemplo do bombardeiro do World Trade Center feito por Ramzi Yousef e "trariam a luta para a América".

Após ataques com mísseis dos EUA em sua base no Afeganistão em 1998, bin Laden disse aos seguidores que queria retaliar em Washington, de acordo com um serviço [-]

Um agente da Jihad Islâmica Egípcia (EIJ) disse a um serviço ao mesmo tempo que bin Laden planejava explorar o acesso operativo aos EUA para montar um ataque terrorista.

O milênio conspirando no Canadá em 1999 pode ter sido parte da primeira tentativa séria de bin Laden de implementar um ataque terrorista nos EUA. O conspirador condenado Ahmed Ressay disse ao FBI que ele concebeu a ideia de atacar o aeroporto internacional de Los Angeles, mas que o tenente de Bin Ladin Abu Zubaydah o encorajou e ajudou a facilitar a operação. Ressay também disse que em 1998 Abu Zubaydah estava planejando seu próprio ataque nos EUA.

Ressay disse que Bin Ladin estava ciente da operação em Los Angeles.

Embora Bin Ladin não tenha conseguido, seus ataques contra as Embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia em 1998 demonstram que ele prepara operações com anos de antecedência e não é dissuadido por contratempos. Os associados de bin Laden vigiaram nossas Embaixadas em Nairóbi e Dar es Salaam já em 1993, e alguns membros da célula de Nairóbi planejando os bombardeios foram presos e deportados em 1997.

Membros da Al-Qaeda, incluindo alguns que são cidadãos americanos, residiram ou viajaram para os EUA por anos, e o grupo aparentemente mantém uma estrutura de apoio que poderia ajudar os ataques. Dois membros da Al-Qaeda considerados culpados na conspiração para bombardear nossas embaixadas na África Oriental eram cidadãos americanos, e um membro sênior do EIJ viveu na Califórnia em meados da década de 1990.

Uma fonte clandestina disse em 1998 que uma célula de bin Laden em Nova Iorque estava recrutando jovens muçulmanos-americanos para ataques.

Não fomos capazes de corroborar alguns dos relatórios de ameaças mais sensacionais, como o de um serviço em 1998 dizendo que bin Laden queria sequestrar um avião dos EUA para obter a liberação de "Blind Shaykh" 'Umar 'Abd al-Rahman e outros extremistas dos EUA.

No entanto, informações do FBI desde então indicam padrões de atividade suspeita neste país consistentes com os preparativos para sequestros ou outros tipos de ataques, incluindo a recente vigilância de edifícios federais em Nova Iorque.

O FBI está conduzindo aproximadamente 70 investigações de campo em todo os EUA que considera bin Laden relacionado. A CIA e o FBI estão investigando uma chamada para a embaixada nos Emirados Árabes Unidos em maio dizendo que um grupo de apoiadores de Bin Ladin estava nos EUA planejando ataques com explosivos.

ILUSTRAÇÕES

PRETO	LARANJA	VERDE	ROXO
LARANJA	VERDE	VERMELHO	AZUL
VERDE	VERMELHO	AZUL	AMARELO
ROXO	VERDE	PRETO	AZUL

FIGURA 1 – Teste de confusão cognitiva.

Nota: O objetivo do desafio é citar rapidamente apenas as cores pintadas em cada palavra, sem que se faça a leitura da palavra escriturada em si.



FIGURA 2 – Fotografia de falhas visuais e cognitivas no Sistema 1.

Fonte: < <https://areademulher.r7.com/dicas-truques/7-truques-de-ilusionismo-para-deixar-suas-fotos-mais-criativas/> >. Acesso em: 08 jul. 2020.

Nota: Os veículos não são reais e trata-se apenas de uma fotografia aproximada dos brinquedos e afastada dos prédios e árvores.